

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**



**Dissertação**

**Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais:  
empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno**

**Aline de Lima Bazerque**

**Pelotas, 2017**

Aline de Lima Bazerque

Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais:  
empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras (Área de Concentração: Estudos da Linguagem)

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

B362p Bazerque, Aline de Lima

Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais : empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno / Aline de Lima Bazerque ; Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. — Pelotas, 2017.

116 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. LGBTs. 2. empoderamento. 3. Novos letramentos digitais. I. Freitas, Letícia Fonseca Richthofen de, orient. II. Título.

CDD : 809

### **Dedicatória**

À maior feminista e militante de causas sociais da minha vida, minha inspiração e meu porto-seguro: minha mãe.

## **Agradecimentos**

À minha mãe, Sandra Rosane Arriera de Lima que é minha melhor amiga, minha maior encorajadora e parceira de vida. Agradeço por todos os sacrifícios feitos em meu benefício. Agradeço por todos os momentos de reflexão que me trouxeram até aqui, todos os colos, abraços e sábias palavras nos momentos de desespero. Agradeço por, apesar das dificuldades, nunca me deixar desistir, por me ensinar diariamente a ser mulher, forte. Agradeço por termos chegado até aqui juntas e por sempre acreditar em mim. Agradeço, sobretudo, pelo amor incondicional.

A meu grande amigo e amor, Thiago Cholant Aguiar Moura, por todo o carinho e cuidado que tem comigo, especialmente na realização desse trabalho. Obrigada por entender as ausências e ao mesmo tempo se fazer sempre presente, por apoiar cada passo, por dividirmos tantas reflexões ideológicas que me fizeram e seguem fazendo evoluir.

À minha amada família que está sempre disposta a dar apoio e amor e a dividir risadas e lágrimas. Muito obrigada a meus tios e tias, primos e primas, afilhadas e familiares do coração por tornarem minha vida mais colorida e a realização desse trabalho menos exaustiva.

À Paula da Costa e à Patrícia Mendonça, meu casal preferido, minhas grandes amigas. Obrigada pelo apoio - de sempre - na realização desse trabalho, por acreditarem em mim e por todos os momentos em que me fizeram refletir sobre a vivência LGBT, fosse por meio de teorias, ou por meio de narrativas e práticas diárias.

À minha orientadora professora Dra. Letícia Freitas por toda a compreensão no processo de escrita dessa pesquisa que foi árduo, mas valeu a pena. Agradeço por acreditar no meu trabalho desde sempre, por jogar a corda que me salvou em meio

a comentários desanimadores e por me acompanhar e guiar sempre com tranquilidade em todos os passos dessa pesquisa.

À professora Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff por todo o auxílio durante os momentos iniciais desse trabalho. Pela calma com que me conduziu à escrita do pré-projeto dessa dissertação e por todas as contribuições que foram tão importantes.

À professora Dra. Suyan Maria Castro Ferreira, pela leitura deste trabalho e por suas considerações em sua versão final.

À professora Dra. Clara Dornelles que, desde a graduação, vem contribuindo na minha formação de professora e pesquisadora. Obrigada pelo empenho em trazer sugestões significativas na realização desse trabalho.

À professora Dra. Carolina Fernandes, minha primeira orientadora na trajetória acadêmica, por todos os ensinamentos de ensino e pesquisa que levo sempre comigo.

A Murilo Araújo, criador do canal Muro Pequeno, por permitir que essa pesquisa fosse realizada com seu canal e por estar sempre aberto a diálogos e disponível a ajudar.

A todos os participantes voluntários dessa pesquisa que gentilmente cederam entrevistas narrativas para sua realização. Agradeço imensamente por ter conhecido pessoas e histórias de vida tão incríveis. Registro aqui minha admiração e respeito por todos.

## RESUMO

LIMA BAZERQUE, Aline de. Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais: empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2017.

Em tempos de globalização nos quais pesquisas positivistas e estudos modernistas são questionados, a concepção de sujeito social como homogêneo e preexistente aos discursos que lhe atravessam parece não dar conta das discussões e reflexões que surgem sobre identidades de gênero (MOITA LOPES, 2006). Por conseguinte, faz-se necessário olhar para essas diversas identidades de gênero como fragmentadas, heterogêneas, fluidas e em processo de construção contínuo (HALL, 2000) através de performances discursivo-identitárias (PENNYCOOK, 2006; BUTLER, [1990]2003). Sendo o homem branco cisgênero e heterossexual classificado como padrão dominante, esse trabalho tem por objetivo principal analisar performances discursivas de pessoas LGBTs para compreender de que forma os novos letramentos digitais impulsionam a compreensão e o empoderamento de identidades de gênero e sexualidade desviantes do padrão. Para isso, busco suporte teórico em uma Linguística Aplicada Indisciplinar e no socioconstrucionismo propostos por Moita Lopes (2002, 2006, 2013a, 2013b), nas performances e performatividades elucidadas por Pennycook (2006), nas teorias *queer* (BUTLER, 1993, 2003) e no entendimento de novos letramentos digitais discutido por Knobel e Lankshear (2007), Lemke (1998) e Moita Lopes (2010). Ao gerar e analisar os dados, apoio-me em uma etnografia virtual (HINE, 2000), realizando observações etnográficas e entrevistas narrativas via redes sociais virtuais com LGBTs, analisadas segundo as pistas indexicais de Wortham (2001). A pesquisa aponta para o empoderamento de LGBTs a partir da mobilidade e da coletividade na construção de discursos que a Web 2.0 e a 3.0 possibilitam ao disponibilizarem informação e propiciarem a comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTs; empoderamento; novos letramentos digitais

## ABSTRACT

LIMA BAZERQUE, Aline de. Narrative performances of social minorities in the new digital literacies: empowerment of LGBTs in the Muro Pequeno channel. 2017. Dissertation (Masters) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2017.

In a globalization time in which positivist research and modernism studies are questioned, a view of the social subject as homogeneous and pre-existent to discourses that cross it does not seem to run the errand for the discussions and reflections that arise on gender identities (MOITA LOPES, 2006). Therefore, it is necessary to look at the various gender identities as fragmented, heterogeneous, fluid and in a continuous construction process (HALL, 2000) through discursive-identity performances (PENNYCOOK, 2006, BUTLER, [1990] 2003). Being the White cisgender and heterosexual man classified as the main standard to be followed, this paper has the main objective to analyze the discursive performances of LGBT people so that we can comprehend the way new digital formats boost an understanding and empowerment of deviant gender and sexuality identities. For this, I seek theoretical support in an Interdisciplinary Applied Linguistics and in the socioconstructionism proposed by Moita Lopes (2002, 2006, 2013a, 2013b), in performances and performativities elucidated by Pennycook (2006), queer theories (Butler, 1993, 2003) and in the new digital literacies discussed by Knobel and Lankshear (2007), Lemke (1998) and Moita Lopes (2010). In generating and analyzing data, I rely on a virtual ethnography (HINE, 2000), making ethnographic observations and narrative interviews via virtual social networks with LGBTs analysing them according to the indexical clues proposed by Wortham (2001). The research signals to the empowerment of LGBTs happening due to the mobility and collectivity in the construction of discourses that Web 2.0 and 3.0 enable when they make information available and facilitate communication.

**KEYWORDS:** LGBTs; empowerment; new digital literacies

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 A (des)construção.....	9
1.2 Performances discursivo-identitárias nas redes sociais virtuais.....	13
<b>2 A PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
2.3 Objetivos.....	17
2.4 Justificativa.....	18
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
3.1 Linguística Aplicada Indisciplinar.....	20
3.2 Os novos letramentos digitais.....	24
3.3 Breve reflexão sobre LGBTs.....	27
3.4 Corpo, gênero e sexualidade.....	29
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>36</b>
4.1 Natureza da pesquisa.....	36
4.2 Geração de dados: contexto e participantes.....	39
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>43</b>
5.1 Muro Pequeno e seus desdobramentos.....	43
5.2 Compreensão da identidade sexual: minorias e religião.....	47
5.3 Negr@ e LGBT: entrecruzamentos.....	56
5.4 O empoderamento nos meios digitais.....	62
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>79</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 A (des)construção

Em 1964, ano em que se instaurava o golpe militar no território brasileiro, nascia minha mãe que, durante boa parte de sua vida, teve suas ideologias oprimidas e seus direitos sociais negados por uma censura altamente conservadora. Neta da ditadura militar, fui constantemente interpelada por discursos de empoderamento<sup>1</sup> e libertação de minorias sociais. Filha de mulher feminista em ascendência da classe baixa e militante de causas sociais, cresci em processo de desconstrução de padrões hegemônicos. Desconstrução essa permanente, pois, nesse cenário fragmentado e plural, regimes de verdade (FOUCAULT, 1979) se entrecruzam, não sendo possível, portanto, considerar-me completamente livre de fazer circular discursos que inferiorizam determinados indivíduos a partir de suas características sociais não dominantes. Louro (2015, p. 44) sustenta que “desconstruir um discurso implicaria minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma. Desconstruir não significa destruir” mas se aproxima a desfazer e refazer conceitos.

Ao crescer nesse ambiente de compreensão de discursos padrões sendo contestados e reinventados, pude entrar em contato com – e entender melhor – inúmeras vivências divergentes entre si, pois, como Butler (2004) sustenta, essas experiências se modificam a partir do entrecruzamento de conjunturas sociais nas quais os indivíduos se encontram. Portanto, gênero, sexualidade, classe social, raça, etc. se atravessam nas performances identitárias dos sujeitos, pois as vivências discursivas de cada sujeito dependem do contexto histórico e social em que ele se encontra. Essa tentativa de compreensão me levou ao processo de me tornar

---

<sup>1</sup> Equivalente em português do vocábulo inglês *empowerment*. É a “capacidade de os indivíduos e grupos terem controle sobre o que lhes afeta, escolhendo, com o maior grau possível de autonomia, seus cursos de ação em múltiplas dimensões – política, econômica, cultural, entre outras –, o que implica ampliação da participação cidadã no processo político de tomada de decisão” (HOROCHOVSKI, 2006, p. 01).

feminista e militante colaboradora de causas sociais das quais não faço parte como protagonista, mas que me perpassam na vivência diária.

Vale ressaltar aqui que, como mulher branca, cisgênero<sup>2</sup>, bissexual e de classe média, reconheço meu lugar de fala - em sua maior parte - privilegiado e me proponho a compreender fenômenos de empoderamento social de gênero, raça, sexualidade, classe social e etc. ocupando a posição de pesquisadora-apoiadora de tais movimentos, jamais pretendendo protagonizar suas práticas e discursos.

Além disso, ao crescer na década de 1990, o contato com as novas tecnologias digitais foi imediato e latente. Acompanhei o processo de popularização do acesso à internet que, em seu início, tinha a função apenas de fornecer poucas informações – sem discussões ou reflexões sobre – a quem a acessasse. Com o advento da banda larga, o acesso à internet tornou-se mais popular e, por sua velocidade muito maior, foi aberto espaço para novas possibilidades além de propiciar conhecimentos prontos. Assim, redes sociais virtuais se formaram e deram início ao que se chama de *web 2.0*<sup>3</sup>, na qual há o provimento de informações, mas há, muito mais, a discussão sobre elas e a reflexão sobre todo esse processo, o que acarreta em possibilidades de (des)construção de discursos. Pela existência dessa transformação permanente dos meios virtuais, está sendo discutida a possibilidade da existência do que se conhece como *web 3.0*<sup>4</sup>, a terceira onda da internet, onde a produção de conteúdo se daria concomitantemente por parte dos usuários e das próprias redes de mídias digitais.

---

<sup>2</sup> Oposto de transgênero, vem do termo *cisgender*, em inglês, que define pessoas cuja identidade de gênero vai ao encontro do gênero que lhes foi designado ao nascerem (SMITH; JAFFER, 2012).

<sup>3</sup> Termo popularizado pela O'Reilly Media e pela MediaLive International que faz alusão à evolução de um software. Na *web 1.0*, um pequeno número de pessoas criava páginas para um grande número de pessoas as acessar e ler. Desta maneira, poder-se-ia obter informações indo diretamente à fonte pelo uso do endereço contendo o "www". Nessa primeira geração da *web*, as possibilidades eram apenas as de procurar e obter informações. Não havia - ou havia muito pouca - interação. Desta maneira, o objetivo da *web 1.0* era somente o de espalhar informações e torná-las acessíveis ao maior número de pessoas a qualquer momento. "Já na *Web 2.0*, opera-se sob uma outra lógica: a da participação, a da colaboração, a da inteligência coletiva e a da possibilidade de intensificação das relações sociais" (MOITA LOPES, 2010, p. 399), isto é, não há apenas a procura e coleta de informações, mas o compartilhamento delas de forma interativa e reflexiva. O sujeito não é mais apenas um consumidor virtual mas um colaborador.

<sup>4</sup> Termo utilizado pela primeira vez pelo jornalista John Markoff em um de seus artigos no jornal The New York Times para se referir a uma nova geração da internet.

Faço parte, então, de um contexto social no qual os novos letramentos digitais ocupam um espaço determinante na compreensão e no empoderamento de minorias, através da alta propagação de discursos e performances identitárias com as quais entramos em contato diariamente nas redes sociais virtuais. Como feminista e apoiadora de causas sociais minoritárias, considero esse ambiente digital como espaço rico em narrativas que (des)constroem sujeitos e identidades através do uso da linguagem em suas performances (MOITA LOPES, 2010).

Através dessa minha relação permanente com as redes sociais virtuais, boa parte da minha militância e dos meus estudos acerca de minorias sociais ocorre online. Esse ativismo se dá por conta do convívio virtual com indivíduos que possuem práticas discursivas semelhantes às minhas nas redes sociais virtuais com as quais tenho contato diário: Facebook e YouTube. Vivemos atualmente a era dos Youtubers<sup>5</sup>, impulsionada pelo fácil acesso a smartphones com câmeras, à internet e a aplicativos ou softwares de edição, ferramentas que, segundo teorias da *Web 3.0*, evidenciam a criação colaborativa de materiais cibernéticos entre usuário e instrumentos digitais. Os canais no YouTube têm sido locais populares de acesso e, sendo o Facebook a rede social virtual mais utilizada por usuários digitais, há quase sempre uma conexão entre essas redes, como é o caso do canal Muro Pequeno<sup>6</sup> a ser analisado aqui.

Meu contato com o canal Muro Pequeno se deu primeiramente através de sugestão de minha orientadora. Estávamos no processo de escolha do canal a ser utilizado nessa pesquisa, o objetivo era selecionar um canal que trouxesse reflexões sobre minorias sociais para compreender de que forma os sujeitos pertencentes a essas minorias encontravam empoderamento nos novos letramentos digitais. Ao iniciar minha relação com o canal Muro Pequeno, chamou-me a atenção primeiramente o fato do autor se descrever como “Gay Negro e Cristão”, demonstrando entrecruzamentos identitários que Butler (2004) cita. Posteriormente,

---

<sup>5</sup> Pessoas que criam canais no YouTube e fazem vídeos sobre os temas mais variados, incluindo militância social.

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/muropequeno> - canal no YouTube do blogueiro Murilo Araújo, homem negro gay e militante de minorias sociais. O canal é destinado a discussões e reflexões sobre vivências de LGBTs, mulheres e negros (as), trazendo recortes de classe, raça, gênero e sexualidade. O autor do canal também se considera cristão, o que faz com que em seu canal sejam abordadas questões destinadas a embates entre religião, corpo, gênero e sexualidade.

ao assistir aos vídeos do canal, pude perceber uma preocupação em trazer pautas sociais de várias minorias que não só negros e LGBTs, mas todo e qualquer entrecruzamento identitário – que Murilo Araújo<sup>7</sup>, dono do canal, demonstra ter pleno conhecimento sobre. Para isso, traz pessoas que vivem as opressões que quer abordar mas que, algumas vezes, não têm lugar de fala – e é ciente disso - para o fazer.

O canal em questão, inicialmente, não se tratava de um local virtual de (des)construção de conceitos, menos ainda de interações que produzissem reflexões. Inaugurado em 15 de outubro de 2015, o canal funcionava primeiramente como uma espécie de vlog, um espaço no qual Murilo falava sobre assuntos em geral, sem pretensão de militância, apenas como um entretenimento. Entretanto, em seu percurso, Murilo foi afunilando seus objetivos e temas e, atualmente, as interações se dão na forma de comentários, curtidas, compartilhamentos e as reflexões extrapolam a rede social virtual YouTube e atingem outras plataformas midiáticas –cibernéticas ou não. Essas interações que (des)constroem (LOURO, 2015) conceitos fazem parte de um ativismo político que se mostra cada vez mais forte nos meios digitais, que são parte essencial de nosso dia a dia, não sendo possível, a meu ver, separar de maneira estanque a militância ideológica virtual da não virtual.

A partir da interação frequente e latente na plataforma YouTube, Murilo Araújo, dono do canal, decidiu criar um grupo no Facebook no qual seguidores do canal poderiam se conhecer, entrar em contato direto com ele, discutir assuntos relacionados às pautas do canal e refletir sobre minorias sociais em geral<sup>8</sup>. Assim, em Abril de 2016, as interações passaram a ocorrer tanto na forma de curtidas e comentários nos vídeos como também em postagens no grupo do Facebook intitulado “Tijolinhos do Muro Pequeno”. Minha entrada no grupo se deu em seguida, em Maio do mesmo ano, e desde então, acompanho discussões e reflexões lá desenvolvidas. Por esse contato direto com os seguidores do Muro Pequeno dentro do grupo, a seleção de voluntários para essa pesquisa se deu por meio desse canal

---

<sup>7</sup> Doutorando no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ e criador do canal Muro Pequeno. Militante do movimento negro e LGBT. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9954832073948065>

<sup>8</sup> O autor do canal explicou o intuito do grupo e disponibilizou seu link via vídeo em seu canal do YouTube.

de comunicação. As observações de práticas discursivas também se deram por lá. Todas as análises foram feitas de forma anônima, estando os participantes cientes disso. Os participantes cujas narrativas são analisadas nessa pesquisa leram e concordaram com o termo de consentimento que consta nos anexos desse trabalho. Tendo todos eles assinado esse termo, prosseguimos com a pesquisa.

## 1.2 Performances discursivo-identitárias nas redes sociais virtuais

Atrelada a uma visão modernista, a Linguística Aplicada costumava abordar apenas fatos ligados ao ensino-aprendizagem de línguas, sendo as pesquisas relacionadas à aplicação da linguística e realizadas de forma positivista. Com o pós-modernismo influenciando as novas pesquisas dessa área, o seu enfoque tornou-se muito mais amplo. Moita Lopes (2013b, p. 23), propõe que “o conhecimento linguístico que se tem é politicamente interessado, como, de fato, qualquer conhecimento é”, portanto, uma abordagem que considere os sujeitos e suas identidades como fatores essenciais na produção e compreensão de conhecimentos passa a também fazer parte dos interesses da Linguística Aplicada (LA).

A pesquisa positivista, conseqüentemente, não cabe nessa nova perspectiva da Linguística Aplicada pós-moderna, pois, nessa primeira abordagem, analisam-se os dados coletados de forma quantitativa, buscando-se generalizações estatísticas. Já no socioconstrucionismo defendido por Moita Lopes (2006), o que se pretende é compreender como esses dados fazem sentido no mundo (que é social e político), que significados trazem, considerando seus sujeitos e suas identidades. Moita Lopes (2013b, p. 105) alega que

Em relação à teorização linguística, é crucial discutir se vamos continuar encarando as línguas como sistemas autônomos, apagando o sujeito social, suas marcas sócio-históricas e ideológicas em seu corpo – e os sofrimentos e vantagens que acarretam.

Assim sendo, em uma Linguística Aplicada pós-moderna e socioconstrucionista, a reflexão acerca do sujeito social, político e ideológico deve

ser permanente. Não há como desvencilhar o sujeito de sua exterioridade, pois se constituem mutuamente. Ao se pesquisar sobre questões de gênero relacionadas à linguagem e seu uso, portanto, o percurso teórico pós-moderno e socioconstrucionista traz consigo o amparo teórico-metodológico necessário. É relevante compreender que

a questão, para os estudos de linguagem e gênero, não é saber como os homens e as mulheres falam diferentemente, como se os homens e mulheres preexistissem a seus usos de linguagem como categorias dadas de identidade, mas, em vez disso, compreender como as pessoas desempenham o gênero com palavras. Isso não quer dizer que constantemente desempenhamos identidades generificadas por meio da linguagem, mas que constituímos por meio da linguagem a identidade que ela reivindica ser. (PENNYCOOK, 2006, p. 81)

Contrariamente à pesquisa positivista, nesta pesquisa damos foco ao gênero como performance de identidade que se dá através da linguagem, e não como um fator determinante para escolhas linguísticas conscientes ou inconscientes.

Fabício (2006), ao se pautar nessa visão de Linguística Aplicada pós-moderna, sugere que a globalização e seus efeitos têm auxiliado na manutenção de poder de determinadas classes, mas também na emancipação de minorias sociais. Como uma de suas principais ferramentas é a internet e as novas tecnologias que a envolvem, pode-se afirmar que os meios virtuais são instrumentos importantes no empoderamento de determinados grupos minoritários. As redes sociais virtuais, por exemplo, têm propiciado novas possibilidades de ativismo político, ideológico e identitário. Moita Lopes (2010) as compara às praças públicas e moinhos medievais, onde, outrora, as manifestações sociais e políticas eram organizadas e realizadas. De acordo com Fabício (2013, p.148), os novos meios sociais digitais trazem

a possibilidade de vivências de uma 'multiterritorialidade' associada aos avanços, no campo informacional, da internet e da cibercultura – territórios que, ao resignificarem e ampliarem nossos horizontes espaçotemporais e comunicacionais, catapultam as possibilidades de outra espécie de roteiro: os percursos virtuais em escala transglobal.

Isto é, os novos letramentos digitais são práticas sem limites geográficos e ideológicos. Neles, encontra-se uma ampla diversidade de opiniões e informações

que, ao entrarem em contato, geram debates e também identificações, formando as redes sociais virtuais.

É nesses novos letramentos digitais que o ativismo político sobre gênero e sexualidade tem tomado maior espaço na atualidade. LGBTs, ao perceberem as redes sociais virtuais como lugares de debate social e empoderamento de minorias, utilizam-nas problematizando discursos de opressão obsoletos - bem como a linguagem da qual fazem uso e que esperam que os contemple inteiramente – e fazendo circular novas reflexões.

A partir de observações prévias – e participação ativa e passiva - das redes sociais virtuais em questão, pode-se perceber que esses espaços tornam-se cada vez mais lugar de debate político. Indo além do que dispunha a *web 1.0* – informações a serem consumidas pelos usuários -, a *web 2.0* traz a possibilidade de consumir essas informações, mas também de reformulá-las através de discussões, de participação coletiva na criação de novos conhecimentos. Moita Lopes (2010, p. 399) sustenta que

o mundo da Web 1.0 pode ser entendido como aquele no qual a tela do computador era um lugar de consumo ou a ser consumido pelo usuário, (...) já na Web 2.0, opera-se sob uma outra lógica: a da participação, a da colaboração, a da inteligência coletiva e a da possibilidade de intensificação das relações sociais.

Desse modo, tratamos aqui a Web 2.0 como uma evolução digital e virtual, tendo a internet amplificado suas ferramentas e possibilidades. O'Reilly (2005, p. 222) sustenta que nessa geração virtual “as pessoas já não estão apenas lendo ou consumindo conteúdo da web, mas estão participando e contribuindo na sua criação”, o que não anula as utilidades da Web 1.0, mas as renova. Sobre essa evolução, podemos dizer que é constante. Atualmente já é possível encontrar algumas discussões sobre a viabilidade de estarmos vivendo o começo da terceira geração da internet, a Web 3.0, que expandiria ainda mais as contribuições do usuário e suas relações diretas com as ferramentas digitais, fato impulsionado pela tecnologia *mobile*. Assim, sendo a internet espaço de construção colaborativa de significados, parte-se do pressuposto de que esses novos letramentos digitais

podem ser capazes de impulsionar o empoderamento de minorias, que ocorre em práticas sociais discursivas. É intrigante, entretanto, de que maneira isso ocorre.

A fim de buscar respostas para esse questionamento, realizamos aqui uma pesquisa de cunho etnográfico - etnografia virtual (HINE, 2000), para que pudéssemos compreender qualitativamente essas redes sociais virtuais que se formam através das novas tecnologias, focando-nos no ativismo político sobre corpos, gêneros e sexualidades não-hegemônicos nesses espaços que tomam cada vez mais o dia a dia da população. Nos itens que seguem, explicitam-se os objetivos da pesquisa, bem como sua justificativa, o apanhado teórico que sustenta a pesquisa e a metodologia utilizada em seu decorrer.

Nos capítulos que se seguem, exploramos melhor de que maneira procedemos com a presente dissertação. Em *A Pesquisa* trazemos os objetivos desse trabalho bem como sua justificativa teórica e acadêmica. No *Referencial Teórico* abordamos as teorias que sustentam nosso percurso de pesquisa e a visão que temos perante nosso objeto de estudo ao observá-lo e analisá-lo. Em seguida, nos *Procedimentos Metodológicos*, são apresentados o contexto da pesquisa, seus participantes e, principalmente, o modo como conduzimos o presente trabalho, pesquisando, analisando e chegando a resultados. Por fim, após esclarecermos em que teorias e metodologias nos apoiamos, há a análise dos dados gerados através de observações e entrevistas narrativas a fim de respondermos nossa pergunta de pesquisa inicial.

## 2 A PESQUISA

### 2.1 Objetivos

Baseada nas Teorias Queer, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar narrativas de pessoas LGBTQs que acompanham o canal Muro Pequeno<sup>9</sup> - e são atravessados por ele - a fim de compreender de que maneira os novos letramentos digitais sinalizam o empoderamento de pessoas de corpos, gêneros e sexualidades não-hegemônicos, isto é, de que maneira o canal possibilita uma reflexão acerca de minorias sociais de forma que modifique as narrativas desses sujeitos acerca de si próprios e suas performances discursivas diárias. Compreende-se aqui que as Teorias Queer reiteram o que diz Foucault (1979) quando sustenta que o poder é exercido nas microrrelações, e que a constituição da identidade do indivíduo é resultado dos “diversos atos de fala performativos a que (...) são constantemente expostos desde seu nascimento, ou seja, o sujeito social seria resultado dos efeitos discursivos que o constituem performativamente” (MELO, MOITA LOPES, 2014, p. 545).

A partir da observação de vídeos do canal do YouTube “Muro Pequeno”, de práticas discursivas presentes no grupo “Tijolinhos do Muro Pequeno” no Facebook e da análise de entrevistas narrativas de seis participantes ativos do canal, objetivou-se compreender de que maneira esse empoderamento social ocorre com a ajuda dos novos letramentos digitais através da performance identitária nas narrativas desses sujeitos. Importante ressaltar que o canal em questão traz recortes de raça, gênero, sexualidade e classe social. Assim, tivemos como objetivo também depreender esses atravessamentos influenciando os discursos e narrativas dos sujeitos.

Os participantes da pesquisa foram selecionados através do grupo do Facebook – também de autoria de Murilo Araújo - gerado como consequência do canal do YouTube, chamado “Tijolinhos do Muro Pequeno”. Foram seis indivíduos que, através de publicação no grupo, voluntariaram-se a me ceder entrevistas

---

<sup>9</sup> Importante ressaltar que obtivemos autorização do autor do canal e dos participantes envolvidos na realização dessa pesquisa.

narrativas sobre suas experiências como LGBTs nos novos letramentos digitais. Tais entrevistados da pesquisa são: Alice, 16 anos, mulher negra cisgênero e bissexual; André, 24 anos, homem negro cisgênero e homossexual; Guilherme, 23 anos, homem negro cisgênero e polisssexual ou homossexual flexível<sup>10</sup>; João, 23 anos, homem negro cisgênero e homossexual; Paulo, 20 anos, homem negro cisgênero e homossexual; e Simone, 17 anos, mulher branca cisgênero e pansexual<sup>11</sup>.

## 2.2 Justificativa

Este trabalho se orienta na visão de Linguística Aplicada Indisciplinar proposta por Moita Lopes (2006) que, diferentemente de uma abordagem linguística positivista e tradicional - na qual os sujeitos e suas identidades são homogêneos – compreende a linguagem a partir de sua relação com identidades que não são fixas e essencialistas, mas fragmentadas – múltiplas identidades articuladas -, performativas e concebidas segundo o contexto histórico-social em que se encontram, modificando-se constantemente. Nessa Linguística Aplicada temos

a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. (...) tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescrevem a vida social e as formas de conhecê-la. (MOITA LOPES, 2006, p. 27)

Assim como o referido autor, considero que essas vozes marginalizadas – e muitas vezes silenciadas - têm muito a acrescentar às pesquisas que envolvem língua e seus usos, considerando que, para uma Linguística Aplicada Indisciplinar, as práticas sociais e identitárias não podem ser separadas da linguagem, pois se constituem mutuamente.

---

<sup>10</sup> Definição dada pelo participante.

<sup>11</sup> Nomes fictícios criados a fim de preservar a identidade dos participantes.

Essas práticas sociais e identitárias não são neutras e desprovidas de intencionalidade, são, ao contrário, atravessadas por relações de poder, pois “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório” (FOUCAULT, 1996, p.8). Sendo assim, de acordo com MOITA LOPES (2006), adota-se aqui uma abordagem socioconstrucionista de linguagem, já que, esta é constantemente interpelada por fatores sociais. Isso será melhor discutido no capítulo 3 do presente trabalho, intitulado *Referencial Teórico*.

Além disso, cabe ressaltar que me identifico como mulher cisgênero participante de movimentos sociais de grupos marginalizados – como ativista no movimento feminista e no movimento LGBT e apoiadora no movimento negro -, usuária frequente de redes sociais virtuais nas quais o ativismo político tem se ampliado com o surgimento da *Web 2.0* (MOITA LOPES, 2010). Como integrante assídua desses novos letramentos digitais, percebo que performances discursivo-identitárias nesse meio virtual desempenham papel importante na construção de significados de corpo, gênero e sexualidade e no empoderamento de minorias sociais. Moita Lopes (2002, p. 30) sustenta que “é por meio desse processo de construção do significado, no qual o interlocutor é crucial, que as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por intermédio da linguagem”. Dessa forma, essas performances narrativas desenvolvidas através dos novos letramentos digitais podem ser um importante instrumento de luta para pessoas LGBTs em sua ressignificação social e em seu empoderamento.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Linguística Aplicada Indisciplinar

Perspectivas formalistas e tradicionais sobre a linguagem e a cultura as mantiveram por muito tempo desassociadas uma da outra em diversos estudos das ciências sociais e humanas. Segundo Hall (1997), contudo, está em curso uma grande revolução cultural nessas ciências. De acordo com o autor (1997, p. 27), passamos a perceber a cultura como "uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando, assim, nos últimos anos, uma mudança de paradigma". É o que se chama de *virada cultural*.

A virada cultural, que surge nos anos 1960, vem para reconfigurar elementos, reconsiderar conceitos relacionados ao discurso e à sua constituição. Ela está diretamente relacionada a uma nova atitude perante a linguagem. Assim sendo,

nos últimos anos, a relação entre a linguagem e os objetos descritos por ela tem sido radicalmente revista. A linguagem passou a ter um papel mais importante. Teóricos de diversos campos - filosofia, literatura, feminismo, antropologia cultural, sociologia - têm declarado que a linguagem constitui os fatos e não apenas os relata. (DU GAY, 1994 apud HALL, 1997, p. 28)

A linguagem passa a ser compreendida a partir de seu contexto histórico, político e cultural, sendo esses elementos constitutivos dela e não mais exteriores e agregadores de sentido.

Em uma abordagem modernista, busca-se uma objetividade e universalidade do conhecimento, padronizando sujeitos, identidades e discursos na tentativa de validar tal conhecimento como verdadeiro e científico. E era nessa perspectiva que a linguagem era vista pela ciência, como mera descrição do mundo, separando-se a linguística interna da linguística externa (Saussure, 2012). Entretanto, com a chegada do que se chama "virada linguística" (Pennycook, 2006) em um pós-modernismo, surge o reconhecimento da linguagem como parte dos estudos das Ciências Humanas e Sociais, sendo ela percebida como essencial na construção de

significados, tendo caráter histórico e cultural e não sendo mais dissociada de práticas sociais.

O pós-modernismo vem, então, reconstruir significados, definindo a linguagem como socialmente construída ao passo que também constrói nosso contexto social, nossas identidades e discursos. Com essa concepção pós-modernista de linguagem e discurso, Pennycook (2006) propõe uma revisão teórica para a Linguística Aplicada, citando ainda a “virada somática” e a “virada performativa”. Segundo o autor, a virada somática

nos permite refocalizar a corporeidade da diferença, ao passo que a virada performativa sugere que as identidades são formadas na performance linguística e corporificada, em vez de ser pré-dada. Isso também fornece a base para considerar as línguas de uma perspectiva antifundacionalista, pela qual o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência da língua. (PENNYCOOK, 2006, p. 83)

Assim, ao reconhecermos os corpos sociais apagados e considerarmos suas identidades como performadas linguisticamente ao invés de pré-formadas, focamos-nos em uma percepção pós-modernista de linguagem. Logo, “categorias compreendidas como naturais tais como homem, mulher, (...) linguagem e poder devem ser compreendidas como contingentes, dinâmicas (...) em vez de serem entendidas como dotadas de um status ontológico anterior” (Pennycook, 2006, p. 71)

Hall (1997, p. 29) lembra que “o termo ‘discurso’ refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento”. Assim, essa virada cultural e linguística passa a considerar que o significado dos elementos não é arbitrário e natural, mas faz parte do seu caráter discursivo. Além disso, salienta-se que práticas sociais têm relação com seu significado e dependem dele. Isto é, “a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, (...) toda prática social tem uma dimensão cultural, (...) toda prática social tem o seu caráter discursivo” (HALL, 1997, p. 33).

Quanto à cultura, Hall (1997) afirma que é heterogênea e fragmentada, bem como as identidades que se constituem a partir de discursos inscritos nela. Esse

posicionamento se opõe à homogeneidade presente em uma abordagem modernista, extrapolando os limites teóricos possíveis nessa perspectiva. E é em uma pós-modernidade - que questiona e reescreve ideais modernistas - que o caráter fragmentado das identidades, dos sujeitos e do discurso encontra sustentação, valorizando uma visão socioconstrucionista de linguagem e afastando ideias positivistas. (MOITA LOPES, 2010).

Uma visão socioconstrucionista da linguagem define que a linguagem é construída e performada socialmente através dos discursos. Esses discursos, conforme Moita Lopes (2002), fazem com que os sujeitos estejam constantemente agindo no mundo através da linguagem. Todavia, o autor (MOITA LOPES, 2002, p. 60) alerta que:

nossa ação discursiva não está simplesmente ocorrendo no mundo social de forma autônoma, mas, ao contrário, é fundamentalmente marcada por condições sócio-históricas particulares, que definem como os participantes se posicionam e são posicionados no discurso.

Dessa maneira, o uso que fazemos da linguagem não é arbitrário, individual e apenas comunicativo, mas performativo, no sentido de que, através dela e de nossos interlocutores, (re)construímos significados e performamos discursos, pois "as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos neste mundo" (MOITA LOPES, 2002, p. 64).

Considerando que os sujeitos e os discursos com os quais lidamos neste trabalho são plurais, temos a Linguística Aplicada Indisciplinar e o Socioconstrucionismo (MOITA LOPES, 2003, 2006, 2013a, 2013b) como principais embasamentos teóricos. Adotando o que afirma Fabrício (2006, p. 48) quando declara que "a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais", ao se tentar compreender como os novos letramentos digitais afetam as performances discursivo-identitárias de pessoas de gêneros não-hegemônicos, seguir-se-á uma abordagem na qual linguagem e seu uso sejam constantemente percebidos como práticas socialmente contextualizadas

que afetam e são afetadas mutuamente pelos sujeitos que as fazem circular. Assim, os sentidos são construídos socialmente através da linguagem.

Moita Lopes (2013b, p. 20) estabelece que “tal LA vai construir outro discurso para a vida social, pleno de alternativas que possam alterar o presente e reinventar a vida social”. Portanto, ao se falar em grupos marginalizados presentes nas redes sociais virtuais, problematizam-se fatores sociais de apagamento e silenciamento de sujeitos cujas vozes constroem grande parte do ativismo político *online* e *off-line* do mundo contemporâneo. Essa problematização não somente pode modificar os discursos que agora circulam acerca desses indivíduos socialmente não privilegiados, como pode também fazer com que se descubram novas práticas sociais e políticas que deem conta de dar visibilidade a essas pessoas. Ressalto que “na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito (...) é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante” (LOURO, 2015, p. 13).

Sustento-me, então, em uma Linguística Aplicada que torna possível utilizar uma teoria linguística que volte o olhar para grupos socialmente minoritários cujas práticas de linguagem carregam inúmeros sentidos. De acordo com Moita Lopes (2006), a compreensão das diversas identidades de corpo, gênero e sexualidade não-hegemônicas e suas performances depende de uma visão socioconstrucionista de linguagem, considerando que nossos sentidos são resultado de muitas vozes em contato, e que a cada novo contexto em que surgem, renovam-se, jamais se repetindo de formas anteriormente produzidas (FABRÍCIO, 2013). É necessário ressaltar que a compreensão das diversas identidades só é possível se entendermos que elas dependem do momento sócio histórico em que o sujeito social está inserido, pois “somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural” (LOURO, 2000, p. 6).

### 3.2 Os novos letramentos digitais

De acordo com Soares (2002, p. 144), “letramentos são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”. A prática do letramento se dá de forma política, pois, através da leitura, insere cidadãos em práticas de conhecimento – lendo, escrevendo, repensando – e, assim, traz mudanças sociais e históricas. A autora (2002, p.148) define que, considerando que letramento

designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.

As novas tecnologias trazem consigo, então, novas formas de linguagem e novos modos de fazer política. Segundo Moita Lopes (2010, p. 394),

os novos letramentos digitais, disponibilizados na web 2.0, se tornaram a praça pública e os moinhos nos quais a vida pública assim como a privada (em um mundo no qual não há muita diferença entre o privado e o público) estão continuamente em discussão.

Concebendo o conceito de letramentos como algo que vai além do que os olhos registram e o cérebro decodifica - pois na construção de significados há também a construção do mundo social (MOITA LOPES, 2013a) -, os novos letramentos digitais se configuram como práticas socioculturais sendo utilizadas e recicladas a todo momento, possibilitando a existência de um novo *ethos*, com atividades mais participativas e colaborativas, isto é, menos focadas na individualidade como ocorria em letramentos anteriores (KNOBEL, LANKSHEAR, 2007).

Acerca dessas tecnologias contemporâneas que constroem os novos letramentos digitais, pode-se constatar que não são apenas um canal no qual obtemos informações, temos nelas acesso a conhecimento, mas também a possibilidades de reflexão e discussão muito amplas, pois

a tela convida a um “saltitar” ligeiro entre dezenas de interlocutores incentivados ao diálogo, para informar, refletir, integrar, expressar seu conhecimento numa espiral criativa de reorganização de saberes, numa contínua reconfiguração-transformação do conhecimento. (BOHN, 2013, p. 94)

Assim, as novas tecnologias proporcionam vivências multissemióticas, multimidiáticas e hipermediáticas (LEMKE, 1998), mas trazem, principalmente, a capacidade de comunicação imediata através da leitura e da escrita. A comunicação é constantemente atravessada por relações sociais e históricas de poder e saber e pela cultura, portanto, os ambientes digitais se tornam lugar de política.

É sobre essas experiências multissemióticas e multimidiáticas que trata a Web 3.0, considerada a evolução da Web 2.0 que vem chegando aos poucos na forma de facilitadores de acesso e comunicação:

Nesta geração de web 3.0, da qual ainda não estamos plenamente conscientes, a web é considerada como uma grade de computação universal que substitui o sistema operacional e o disco rígido, resultando em grandes e dinâmicos grupos de máquinas conectadas entre si. (...) A Web 3.0 é uma convergência de várias novas tecnologias e serviços, tais como conectividade de mobilidade, computação em rede, serviços de negócios, tecnologias abertas e identidade aberta. Nesta geração, as pessoas vão usar a internet de uma forma mais relevante, útil e agradável; Os indivíduos podem acessar a web a qualquer hora e em qualquer lugar para obter e validar o conhecimento que eles desejam através de seus próprios dispositivos móveis personalizados. (MURUGESAN, 2010, p. 180)

Essas características ficam muito evidentes na presente pesquisa levando-se em consideração que alguns participantes concederam suas entrevistas narrativas via chat através de seus smartphones e que, eu, como pesquisadora, muitas vezes utilizei meu próprio smartphone na realização das observações etnográficas do canal Muro Pequeno no YouTube e do grupo no Facebook.

Esse maior acesso à internet a qualquer hora e momento que a Web 3.0 propicia traz a emergência de usuários constantes das redes sociais digitais. Melo e Moita Lopes (2014, p. 542) sustentam que nesses meios virtuais “as chamadas minorias relatam suas vivências, exercem a cidadania e podem selecionar as lutas

que valham à pena, segundo o seu contexto histórico-social e suas experiências”. É a chamada *Web 2.0*, a segunda geração de serviços online, e o surgimento da *Web 3.0* que proporcionam aos movimentos sociais de grupos marginalizados a oportunidade de transgredir discursos através do ativismo político que se faz nesse local (MOITA LOPES, 2010), bem como impulsiona indivíduos em geral a compreender melhor essas transgressões identitárias.

Essas práticas identitárias estão cada vez mais ligadas aos novos letramentos digitais e suas múltiplas possibilidades políticas e sociais. Segundo Hall (2000, p. 108), as identidades

não são nunca unificadas; (...)elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...)elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Portanto, como já citado, Moita Lopes (2006) defende as identidades como multifacetadas e socialmente construídas. Hall (2000), por sua vez, também as define como complexas, construídas nas diferenças e não exteriormente a elas. Essas diferenças são amplificadas nos meios virtuais, que dão visibilidade a todos os sujeitos – pertencentes a minorias sociais ou não -, favorecendo seu caráter fragmentado através da abundância de discursos que se entrecruzam nesses meios.

Os meios digitais também podem propiciar um ambiente confortável temporário no qual se pode fazer ativismo político, levando-se em conta a reação violenta com que pessoas que fazem circular discursos tradicionais têm em relação a manifestações de cunho político e social de minorias. Melo e Moita Lopes (2014, p. 542) destacam que nas redes sociais virtuais

os sujeitos sociais e seus corpos podem se expor livremente, lutar pelos seus direitos, contestar as exclusões ou injustiças que presenciamos na sociedade de modo que possam contar suas histórias sem o receio de depreciação do mundo face a face, podendo ser, portanto, outros.

Portanto, a segurança física momentânea<sup>12</sup> que os meios digitais em geral propiciam pode também se definir como mais um atrativo para seu uso político. Fazer política e manifestar transgressões são atividades que envolvem embate e, esse embate deveria permanecer apenas nos discursos, o que comumente ocorre na internet, tornando a desconstrução de padrões menos arriscada.

### 3.3 Breve reflexão sobre LGBTs

Nas últimas décadas, temos presenciado um grande crescimento na visibilidade do movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs). Sua luta tem ganhado bastante destaque em nossa sociedade. Entretanto, se

por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2015, p. 28)

Isso se dá porque, segundo os discursos sociais que regulamentam corpo, gênero e sexualidade, há sujeitos que “podem ser pensados no interior de uma cultura e outros que são impensáveis, e o são porque não se enquadram numa lógica ou num quadro admissíveis àquela cultura, naquele momento” (LOURO, 2015, p. 73). Assim sendo, sujeitos que fogem do padrão e o transgridem – mulheres, LGBTs, negros - muitas vezes são rechaçados.

Embora as Teorias Queer<sup>13</sup> tenham adentrado o cenário LGBT brasileiro através da universidade nos anos 2000, a vivência *queer* e a compreensão dessa vivência se dão há muito mais tempo. O movimento LGBT surge como movimento social organizado no Brasil há cerca de 30 anos. Com a ditadura militar e os

---

<sup>12</sup> Utilizo aqui segurança *momentânea* por compreender que já não podemos desvincular o real do virtual e que, muitas vezes, essa segurança não se manifesta por muito tempo, como ocorre com muitos LGBTs militantes que sofrem ameaças via redes sociais virtuais que acabam se concretizando.

<sup>13</sup> Teorias de gênero e sexualidade não hegemônicas. Conceito explorado posteriormente.

movimentos de libertação social, surgiram também novas possibilidades políticas. Gays e lésbicas buscavam seu lugar social de direito de forma abrasiva, até que, na década de 1980, estourou no país a epidemia de HIV/Aids, que, primeiramente, afetou LGBTs. Isso trouxe visibilidade a essa população, entretanto, uma visibilidade negativa que contribuiu para o estigma de que gays, lésbicas e bissexuais eram promíscuos e pecadores - estavam sendo punidos por isso (WEEKS, 2000), patologizando sua prática identitária.

Ao crescer e pedir por novas demandas, o movimento, que na década de 1990 era intitulado GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes -, tornou-se GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. Porém, em 2008, na primeira Conferência Nacional GLBT – Direitos Humanos e Políticas Públicas, foi decidido que o L viria como primeira letra da sigla, por se considerar o homem gay mais dominante que a mulher lésbica, tentando lhe dar maior visibilidade.

Atualmente, começa a tomar grande visibilidade o movimento LGBT voltado para as demandas da população negra<sup>14</sup>, evidenciando-se uma necessidade urgente de compreender e fazer circular de que forma negros (as) LGBTs sofrem preconceito diferentemente de LGBTs brancos. Isso porque, não se trata de uma combinação de racismo e LGBTfobia, mas de um terceiro tipo de preconceito que surge, discriminando LGBTs dentro do movimento negro e depreciando negros no movimento LGBT (FACCHINI; FRANÇA, 2009).

Esse movimento, de cunho político e cultural, é teoricamente reforçado por teorias pós-estruturalistas que visam desconstruir padrões de corpo, gênero e sexualidade, a fim de contemplar todas as suas diversidades. Essa desconstrução é constante nos meios virtuais, a partir de discussões sobre o tema e da alta circulação de conhecimento e reflexão que a web 2.0 e os indícios da web 3.0 oferecem.

---

<sup>14</sup> Falo aqui fazendo circular discursos de pessoas negras com as quais tenho contato, estando ciente de meu local de fala como mulher branca.

### 3.4 Corpo, gênero e sexualidade

Louro (2000, p. 8) afirma que “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar”. Assim sendo, ao nascermos e possuímos determinada genitália, cor de pele, tipo de cabelo, etc. já somos designados a determinadas identidades engendradas que definem como devemos agir durante nossas vivências diárias. Entretanto, para o socioconstrucionismo,

é necessário esclarecer que o corpo em questão não é, obviamente, o corpo objetivo, material e mortal, resultado de uma somatória de átomos e moléculas que desempenham funções fisiológicas e biológicas, tampouco o corpo inerte com suas propriedades eternas. Mas o corpo imerso na história, fabricado discursivamente; logo, o corpo como irrupção de um acontecimento. Trata-se de uma construção simbólica inscrita em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços. (WITZEL, 2014, p. 530)

Isto é, o corpo não é materialidade existente pré-discurso. Ele apenas faz sentido se pensado socialmente. Corpos são significados pela cultura e alterados por ela constantemente. Assim, ao invés de se pretender “ler” gêneros e sexualidades a partir de características físicas dos corpos, faz-se mais eficaz compreender essas características como “sendo discursivamente inscritas nos corpos e se expressando através deles” (LOURO, 2015, p. 82). Características essas que distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder. Corpos considerados “normais”, então, também possuem determinadas marcas que a sociedade arbitrariamente definiu como legítimas através de relações de poder (FOUCAULT, 1979).

Segundo Louro (2000, p. 8), “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ dos corpos”. Quanto às nossas identidades sociais, Pennycook (2006) defende que são performativas. Moita Lopes (2013a, p. 243) destaca, entretanto, que “isso não quer dizer que estejamos fadados a repetir continuamente *performances*<sup>15</sup> já formuladas para os nossos corpos, mas que vivemos sob

---

<sup>15</sup> Grifo do autor

regulamentos muito bem explicitados”. Dessa maneira, não se compreende performances como rígidas e prescritivas, mas como condicionamentos que permeiam nossas sociabilidades desde a infância. Logo, as identidades sociais não são inatas, mas construídas socialmente.

Sobre performance de gênero e sexualidade, Butler (1993, p. 2) endossa que seja percebida “não como um 'ato' singular e deliberado, mas como prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”. Dessa maneira, o gênero e a sexualidade como atos performativos são percebidos de forma que “não se trata de uma qualidade essencial ou inerente a uma pessoa, mas é efetivado por atos discursivos que são constitutivos das identidades” (BAUMAN, 2008, p. 4). Pennycook (2006) também aponta que, ao performarmos discursos, produzimos imitações de identidades muito verossímeis. Moita Lopes (2013a, p. 243) alerta, porém, que

se por um lado, repetimos *performances*, por outro lado, por se tratar de repetições, elas nunca são iguais e, como são sempre encenadas para outros, dependem dos significados que outros atribuem ao que fazemos. (...) Essa teorização possibilita desnaturalizar qualquer sentido de essência para o gênero e para a sexualidade, que passam a ser compreendidos como estando sempre em construção ou produzidos por meio dos efeitos de sentidos que provocam na *performance*. É a ação na *performance* que constitui o sujeito, sendo ele então um efeito de tal ação e não sua causa.<sup>16</sup>

Com essa reflexão, o autor (2006) elucida que nossas identidades não são naturais, não nascemos designados a ser o que somos, pois, ao socializarmo-nos, repetimos performances, e por termos individualidade, as reciclamos. Assim, percebem-se as performances propostas por Pennycook (2007) como inovadoras, pois trazem consigo diferenças entre performativo e performatividade. Silva (2011, p. 51) explica que “o conceito de performativo dá conta do aspecto de repetição dos sentidos na performance, enquanto que a performatividade abre espaço para a inovação e transformação de sentidos”. Portanto, sentidos que circulam (sobre o que determina ser homem ou mulher, negro ou branco, heterossexual, bissexual ou homossexual) já existentes em nossas culturas são reforçados, negados ou reinventados a partir da performance.

---

<sup>16</sup> Grifos do autor

Desnaturalizar é um dos conceitos chave para o socioconstrucionismo (MOITA LOPES, 2006) e para as teorias *queer*. É preciso que sentidos engendrados sejam desnaturalizados do local padrão determinado como normal. De acordo com Moita Lopes (2013a, p. 242),

teóricos queer (...) se recusam a aceitar qualquer sentido de normalização biologizante de nossos corpos, ou seja, se opõem a compreensões modernistas binarizantes e cristalizadas de como nossos corpos legitimamente devem agir, ser, desejar, etc.

Dessa forma, desconsideram-se fatores identitários como dados ou preexistentes ao discurso. Prioriza-se aqui uma desessencialização do que conhecemos por gênero e sexualidade normativos. Também se nega, nesse trabalho, uma visão fechada em gêneros binários, transcendendo, assim, a ideia de que há apenas homens e mulheres performando identidades.

As teorias *queer* surgem na década de 1990, com o livro *Problemas de Gênero*<sup>17</sup> de Judith Butler (SALIH, 2012), no qual a autora traz reflexões sobre o que é ser homem e mulher na sociedade em que vivemos. O *queer* é o incomum, o estranho, o desviante do padrão. O termo vem do Inglês e já teve diversos significados discursivos. Primeiramente, *queer* era designado a devedores, ladrões, pervertidos e prostitutas. Posteriormente, o termo ganhou outro sentido, o de depreciar gays e lésbicas, sendo similar a xingamentos brasileiros como “viado” e “sapatão”, por exemplo. Isso resultou no uso do termo de forma geral para inferiorizar LGBTs. Atualmente, no entanto, o termo *queer* tomou outra proporção. Na intenção de desconstruir esse discurso que inferioriza LGBTs, essa população começou a utilizar o termo com orgulho, de forma que ser *queer* os empoderasse (SALIH, 2012). A partir de então, os estudos sobre identidades sexuais e de gênero desviantes do padrão tornaram-se *queer studies* que têm se expandido pela área acadêmica.

---

<sup>17</sup> Título original: Gender Trouble

Ao se falar em identidades de gênero, é necessário que se reitere sua desassimilação total de teorias biologizantes de sexo. Butler (1990, p. 24) explicita que

concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente fixo quanto o sexo.

Essa percepção do sexo como biológico e o gênero como cultural permeia muitas discussões atuais. Butler (1990) traz à tona tal assunto para ratificar que gênero nada tem a ver com fatores biológicos. Estes nem mesmo o influenciam. No entanto, será a concepção de sexo biológico algo dado e indiscutível?

Para Butler (1990), está pressuposto que performamos identidades de gênero com as quais entramos em contato culturalmente, repetindo-as e reciclando-as a cada uso. No entanto, a autora questiona esse conceito rígido que se mantém acerca do sexo como natural e biológico. Butler (1990, p. 25) interroga:

haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado "sexo" seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.

Logo, para a autora, a visão biologizante de sexo é abandonada, ficando-se apenas com a concepção de que gênero e sexo se equivalem, pois são socialmente construídos. Além disso, desobrigando-se de naturalizar identidades de gênero, a autora problematiza a binariedade que existe no conceito de sexo, deliberando que a noção de gênero extrapola esses limites.

É necessário que se ressalte aqui que, seguindo teorias de Butler (1990;1993), nossa proposta inicial<sup>18</sup> era a de analisar as narrativas de pessoas cisgênero, isto é, que se reconhecem e se identificam de acordo com o gênero que lhes foi designado em seus documentos ao nascerem, e também pessoas transgênero, cuja identidade de gênero não condiz com a designada em seu nascimento - o que muitos chamam de sexo biológico. Há, por vezes, a concepção de que a identidade de gênero seja uma expressão cultural do sexo biológico ou contrária a ele. Entretanto, apoio-me em Butler ao definir que

se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado.

Por conseguinte, a posição teórica na qual esse trabalho se insere toma como pressuposto o sexo biológico como categorização não cabível, pois de acordo com Moita Lopes (2006), nossas identidades são socialmente construídas, isto é, se o gênero não é previamente dado, mas sim um efeito de nossas ações, ele não é limitado apenas ao aparato genital de um indivíduo.

Há imbricado em nossa sociedade o pressuposto de que o sexo (definido por características biológicas) define o gênero e a sexualidade dos indivíduos. Essa sequência

supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto). Ainda que o corpo possa se transformar, ao longo da vida, espera-se que tal transformação se dê numa direção única e legítima, na medida em que esse corpo adquire e exhibe os atributos próprios de seu gênero e desenvolve sua sexualidade, tendo como alvo o polo oposto, ou seja, o corpo diferente do seu." (LOURO, 2015, p. 82)

---

<sup>18</sup> Entretanto, sendo a pesquisa realizada com voluntários chamados sem pré-requisitos, não obtivemos a participação de pessoas transgênero, não havendo sinalização de interesse em participar da pesquisa por parte desse público.

Assim sendo, a sequência sexo-gênero-sexualidade é considerada socialmente óbvia e é esperado que seja necessariamente seguida por todos. Há uma naturalização do sexo biológico como determinante sobre o gênero, o desejo e a sexualidade a partir da configuração genital do sujeito. Butler chama isso de gêneros inteligíveis, "aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo" (BUTLER, 2003, p. 38). O sujeito que desviar dessa norma de alguma forma é empurrado para o local do que é incompreensível, ilegítimo e patológico. Isso explica o sufixo "ismo" utilizado erroneamente em termos relativos à sexualidade e transsexualidade: *homossexualismo*, *transsexualismo*, pois este sufixo se destina a classificar patologias. Isto é, "as normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicá-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência" (LOURO, 2015, p. 84)

Ao mesmo tempo em que o padrão heterossexual e cisgênero delimita a norma que deve ser seguida pelos sujeitos, ele "fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem" (LOURO, 2015, p. 17). Isso se dá através da performance identitária dos sujeitos, pois, de acordo com Butler (2003), esses sujeitos são um efeito dos sentidos que os atravessam, sendo transpassados por relações de saber e poder presentes em nossa cultura. Dessa maneira, segundo a autora (2003), não há como o gênero ser predeterminado, como se fosse uma essência que o indivíduo carrega em si durante a vida. Seria melhor descrito como um efeito de determinados traços semióticos, como roupas, linguagem, expressões faciais, posições corporais, cores, estilos, etc. Por conseguinte, regimes de verdade (FOUCAULT, 1979) se entrecruzam em relações de poder que levam a performances identitárias que vão ao encontro dos padrões ou até mesmo os subvertem.

Vale destacar que, segundo as Teorias Queer, o queer é "o excêntrico que não deseja ser 'integrado' e muito menos 'tolerado'" (LOURO, 2015, p. 7). Dessa forma, para se compreender diferentes identidades de gênero e sexualidade performadas por corpos sociais e históricos, seria necessário "questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade" (SILVA, 1999, p. 107), ou seja, desconstruir.

A norma que se fixa em nossa sociedade “remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2000, p. 9). Em uma perspectiva desconstrutiva, esses regimes de verdade seriam pensados dentro de seu contexto histórico, social e cultural. Isto é,

seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) [bem como a branquitude, a cisgeneridade, etc.] acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como ‘natural’. (LOURO, 2015, p. 47)

Desse modo, sujeitos que não se ajustam e desobedecem aos padrões regulatórios de gênero e sexualidade não mais seriam considerados transgressores, pois não haveria um padrão natural e correto a ser seguido.

Essa desconstrução toma conta dos novos letramentos digitais presentes na *web 2.0*. Questões de corpo, gênero e sexualidade se entrecruzam em narrativas e performances discursivas que circulam nas redes sociais virtuais. Considerando que “queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier” (LOURO, 2015, p. 39), as teorias queer que aqui apresento tentam dar conta desse fenômeno de transgressão de padrões sociais que é expandido pela internet.

Sabe-se, porém, que “a verdade é desse mundo” (FOUCAULT, 1979, p.12) por isso é ressaltado aqui que as concepções teóricas expostas aqui não são verdades absolutas para todo e qualquer trabalho que aborde essa temática.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Natureza da Pesquisa

Buscando analisar a temática proposta, esse trabalho segue uma metodologia de pesquisa que está de acordo com a etnografia virtual (HINE, 2000). Posicione-me, portanto, como pesquisadora participante do campo de estudo no qual me insiro. Rebs (2011, p. 78), entretanto, afirma que

o foco da etnografia não visa em atuar ou modificar o lugar/comunidade observado, mas é permitido que o pesquisador seja ativo na comunidade pesquisada, visto que este será responsável pelas interpretações realizadas a partir dos dados coletados.

Desse modo, minha participação não se definiu na tentativa de mudança de discursos ou performances identitárias dos grupos de gêneros e sexualidades não-hegemônicas que foram analisados, mas, a partir de minha inserção nesses grupos, observação e interação com seus participantes e culturas, pudemos compreender seu funcionamento, a fim de realizar uma descrição sociocultural dos mesmos, para então depreender de que forma o empoderamento social se dá com a ajuda dos novos letramentos digitais através da análise de performances identitárias presentes nas narrativas desses sujeitos.

É importante ressaltar que a etnografia virtual tem características peculiares que a distinguem da etnografia tradicional. Não se trata de uma simples transposição de uma mesma metodologia para ambientes digitais. Segundo Polivanov (2003, p. 65),

os ambientes digitais têm características próprias, têm gramáticas e linguagens próprias que não podem ser perdidas de vista. Desse modo, observar uma lista de discussão na internet ou uma comunidade virtual em um site de rede social trará dados materialmente distintos (como textos escritos, emoticons, imagens e links publicados pelos usuários, por exemplo) daqueles coletados em encontros presenciais.

Por esse motivo, compreende-se aqui que há diferenças de local, linguagem e abordagem do pesquisador entre a metodologia tradicional e a virtual e que, ao adentrar o campo de estudo num ambiente virtual, o pesquisador etnográfico deve olhar para esse meio com “olhar crítico, sem preconceitos e consciente de suas significações na sociedade atual” (REBS, 2011, p. 80)

Além disso, ao pesquisar e analisar os dados gerados através de uma etnografia virtual, mantemos uma abordagem qualitativa que, indo ao encontro da etnografia virtual já citada, preocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32), tomando como foco aqui as performances discursivo-identitárias de pessoas de gêneros e sexualidades não-hegemônicas.

Gerhardt e Silveira (2009) sustentam que “na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas”. Dessa forma, indo de acordo com as teorias socioconstrucionistas de Moita Lopes (2003), ao me constituir como mulher cisgênero feminista que apoia o movimento LGBT, faço parte das performances identitárias que analiso, e me envolvo com elas, pois o pesquisador participa das práticas sociais e discursivas que busca estudar, “sendo que os resultados refletem sua compreensão dos fatos sociais estudados” (SILVA, 2011, p. 26).

Além da observação constante do canal Muro Pequeno, do grupo do canal no Facebook e das interações que ali surgiram, utilizou-se também a entrevista narrativa como suporte teórico-metodológico. Na pesquisa interpretativista, interessa ao pesquisador compreender “como as pessoas compartilham a linguagem e criam seus significados” (BASTOS e SANTOS, 2013, p. 28), portanto, a narrativa se configura como importante instrumento na compreensão de performances identitárias, que são práticas discursivas e sociais, pois a linguagem funciona como ação social (AUSTIN, 1990). Assim sendo, o sujeito tem o poder de se reinventar ao contar suas experiências. O ato performativo vai além do vivido e chega ao que é relatado. O indivíduo constrói e reconstrói suas práticas sociais ao dar enfoque a

determinados fatos e ao se posicionar de determinada maneira na performance narrativa (WORTHAM, 2001).

O discurso narrativo, portanto, não se define apenas na representação de personagens e fatos, pois, ao se estabelecer a relação entre o narrador e o interlocutor, o sujeito redireciona sua vida. Quando o narrador tem o poder de contar sua história, coloca em primeiro plano uma certa perspectiva que define sua identidade através de sua performance (WORTHAM, 2001). Dessa maneira, contar uma narrativa pode ser definida como uma performance que posiciona tanto o narrador quanto a audiência de diversas formas. Compreendendo a narrativa como uma performance e realizando uma análise interpretativista dessas narrativas,

há forte tendência em se trabalhar com entrevistas não estruturadas, ou seja, que não sigam um roteiro pré-elaborado, rígido, e que não sejam conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prevista. (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 25)

Portanto, cabe ao entrevistador – interlocutor atento ao narrador – posicionar-se de maneira não tão ativa, proporcionando uma performance narrativa não engendrada, a fim de que se possa chegar a uma entrevista levemente direcionada, na qual o narrador possa determinar o rumo de suas histórias. Dessa forma, a entrevista narrativa se define como um instrumento importante na compreensão dos sentidos que os sujeitos fazem de si - suas experiências - e do mundo em que vivem.

Cabe observar também que “o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Embora se trace um percurso metodológico através do qual chegar-se-á aos dados pretendidos, em uma abordagem etnográfica e qualitativa não há como prever e dominar os rumos que uma pesquisa tomará. Na presente pesquisa, inicialmente, definimos que seriam realizadas observações críticas e etnográficas de sujeitos de gêneros e sexualidades não-hegemônicos presentes em redes sociais virtuais (especificamente, a plataforma digital YouTube e o grupo do canal no Facebook), assim como entrevistas narrativas com participantes desses grupos, a fim de compreender, através das narrativas desses sujeitos, como os novos letramentos digitais sinalizam a compreensão de identidades de gênero e

no empoderamento de indivíduos pertencentes a esses gêneros não-hegemônicos. Entretanto, como a seleção dos entrevistados se deu de forma voluntária, não tivemos como definir em específico o gênero dos participantes entrevistados, dessa forma, a geração de dados contou com a participação de quatro homens cisgêneros e duas mulheres também cisgêneros, mesmo que, em nossa proposta inicial, estivéssemos interessados em trazer à pesquisa vozes de pessoas transgêneros muitas vezes marginalizadas para compreender de que forma os meios digitais possibilitam o seu empoderamento.

### 3.2 Geração de dados: contexto e participantes

A geração de dados se deu a partir de entrevistas narrativas com homens e mulheres cisgêneros - cujas sexualidades fogem do padrão hegemônico - que têm acesso frequente ao canal Muro Pequeno e aos discursos e narrativas sobre minorias sociais presentes nele. Também foram realizadas observações etnográficas do grupo “Tijolinhos do Muro Pequeno” no Facebook e o canal no YouTube que deu início a todas essas interações, Muro Pequeno.

O canal do YouTube em questão se tornou um local de discussão sobre minorias sociais e suas vivências, através de curtidas, comentários e compartilhamentos. A partir dessa interação, foi criado, na plataforma Facebook, um grupo fechado<sup>19</sup> no qual os seguidores do canal interagem entre si e com o autor do canal de forma escrita. O grupo não tem o objetivo de reunir apenas pessoas LGBTs, mas também apoiadores do movimento que respeitem e queiram compreender melhor as discussões de corpo, gênero e sexualidade que ali se encontram. Ao fazer parte desse grupo, passei a ter contato com sujeitos que poderiam vir a fazer parte de minha pesquisa no momento das entrevistas. Assim, a partir da autorização do autor do canal e do grupo, foi realizada a seleção voluntária

---

<sup>19</sup> Grupos fechados no Facebook podem ser encontrados através de pesquisa feita na plataforma. Entretanto, seu conteúdo não pode ser visualizado caso o usuário não seja participante desse grupo. Para participar, o usuário deve realizar uma solicitação. O administrador do grupo (neste caso, o dono do Canal Muro Pequeno, Murilo Araújo) deve analisar a permissão ou não da entrada desse novo membro.

de participantes dispostos a realizarem entrevistas narrativas sobre o canal e suas repercussões em suas vivências como pertencentes a minorias sociais.

A observação do canal no YouTube e do grupo do Facebook foi diária, sendo meu contato com o primeiro mais antigo, desde Setembro de 2015 e, com o segundo, desde Maio de 2016, quando entrei no grupo em questão. Para a realização dessas observações, recebemos autorização do autor do canal. E, para a utilização anônima de discursos presentes no grupo do Facebook, foi criada uma postagem dentro do grupo na qual explicava minha pesquisa, chamava por voluntários e, solicitava autorização para que as narrativas presentes em discussões nesse grupo fechado fossem analisadas anonimamente em meu trabalho. Foi requerido que, caso algum participante fosse contra essa prática, deixasse claro na postagem, o que não ocorreu por parte de nenhum participante.

A geração de dados via entrevista narrativa deveria ocorrer via videoconferência, entretanto, devido a impossibilidade de alguns participantes o fazerem, mudamos para o chat que o próprio site Facebook proporciona entre usuários. Algumas das entrevistas foram respondidas pelos participantes via smartphones, outras, por meio do computador. As entrevistas ocorreram entre os meses de Outubro e Novembro de 2016, com data e hora agendados previamente com cada participante. Os entrevistados foram avisados de que sua participação se daria de forma anônima e assinaram o termo de consentimento que consta nos anexos da pesquisa. As entrevistas tiveram duração de em torno de uma hora e seguiram um roteiro não engendrado criado com a intenção de deixar os participantes livres para narrar os fatos da forma que melhor lhes conviesse.

Os posicionamentos interacionais gerados nas entrevistas e nas redes sociais virtuais já citadas foram analisados de acordo com as pistas indexicais propostas por Wortham (2001). O autor (2001, p.70) as define como “um conjunto de ferramentas heurísticas que podem ser usadas no início de uma análise do posicionamento interacional em determinada narrativa”. São elas: referência, predicação, descritores metapragmáticos, citação, avaliadores indexicais e modalizadores epistêmicos. A referência tem a ver com a apreensão das coisas do mundo e das pessoas através da fala, estando a predicação destinada a caracterizá-las. Os descritores metapragmáticos incluem os verbos declarativos, como “falar”, “dizer”, “alegar”, por

exemplo, “João disse que...”, referindo-se o autor a quem disse o que nos eventos narrados. A citação combina a referência ao orador citado, o verbo metapragmático e a elocução citada com o propósito de representar um exemplo de fala. Silva (2011, p. 99) alerta que

nesse caso, é importante lembrar que qualquer tipo de citação, seja ela a mais fiel possível, passa sempre por uma filtragem por parte de quem cita, de forma que não podemos cair na armadilha de pensar que um discurso citado seja sinônimo de simples cópia ou repetição.

Além disso, narradores usam indexicais avaliativos, compreendendo que determinadas expressões ou formas de falar são associadas a determinados grupos sociais quando membros de um grupo normalmente falam dessa maneira. Concebemos aqui que essas associações são feitas através de performances narrativas e não de características inerentes a determinados grupos. Os modalizadores epistêmicos são utilizados na tentativa de direcionar os fatos narrados de maneira que vá de encontro com o que o narrador deseja expor.

A partir dessas pistas indexicais, tentamos compreender de que modo os novos letramentos digitais, em específico, o canal Muro Pequeno tem influência nas performances narrativas de sujeitos pertencentes a minorias sociais, tendo como foco principal, neste trabalho, as entrevistas narrativas concedidas pelos participantes e, sendo o canal do YouTube e o grupo do Facebook locais de observação e análise secundários.

Pesquisas feitas com narrativas já vêm sendo desenvolvidas na presente universidade. A profa. Me. Miriam Saraiva Sandrini (2016), ex-aluna do programa de pós-graduação em Letras da UFPEL, em sua dissertação intitulada “ALUNO, PROFESSOR E PIBIDIANO: identidades docentes construídas a partir de posicionamentos interacionais em performances narrativas” faz uma análise das performances discursivo-identitárias de alunos que fizeram parte do projeto PIBID se constituindo como docentes. Ela analisa suas narrativas através das pistas indexicais propostas por Wortham (2001). Sua pesquisa também tem fundamento teórico em uma Linguística Aplicada Indisciplinar. Cito aqui também o artigo “Posicionamentos Interacionais em Pequenas Histórias Contadas Por um

Universitário Migrante – Performances de Masculinidade Heterossexual” de autoria da Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas (2017, no prelo), professora do programa de pós-graduação em Letras desta universidade. Nele, Letícia também utiliza-se de pistas indexicais de Wortham (2001) na análise das narrativas geradas em entrevistas a fim de compreender performances de masculinidade heterossexual. Bem como SANDRINI (2016) e como o presente trabalho, o artigo tem suporte em teorias de gênero corpo e sexualidade pós-modernas, baseando-se em uma Linguística Aplicada Indisciplinar.

As mudanças com as quais nos deparamos no meio da pesquisa tornaram nossos rumos levemente diferentes. Inicialmente, pretendíamos analisar de que forma ocorre o empoderamento de mulher feministas e de LGBTs através da internet, especificamente através do canal Muro Pequeno. Entretanto, a partir de observações do grupo no Facebook e das entrevistas narrativas, percebemos que o feminismo não seria um dos focos do canal, nem do público seguidor, sendo apenas mais uma discussão secundária que ocasionalmente surge dentre outros tópicos que fazem refletir sobre vivências de minorias sociais. Dessa forma, deixamos de lado essa temática, focando-nos apenas na vivência LGBT. Entretanto, durante as análises, ficou evidente outro tópico extremamente latente entre os seguidores do canal: a negritude dentro do movimento LGBT. Dessa forma, exploramos esse assunto nas análises, apesar de, anteriormente, não fazer parte dos planejamentos de nossa pesquisa.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Tendo esclarecido as teorias nas quais me baseio, no presente capítulo apresento as análises de narrativas de seguidores do canal Muro Pequeno. Narrativas essas selecionadas através de observação do canal no YouTube e do grupo no Facebook e, essencialmente, de entrevistas concedidas por participantes voluntários. Reitero que as entrevistas foram concedidas via conversa de texto no chat disponibilizado pelo próprio site Facebook. As conversas foram trazidas a esse trabalho sem correção ortográfica, gramatical ou qualquer outra intervenção por parte da pesquisadora.

A análise dos dados gerados se divide em quatro partes que se mostraram como pontos principais na realização das observações e entrevistas. O primeiro subcapítulo chamado Muro Pequeno e seus desdobramentos traz breves reflexões geradas através de observações do canal no YouTube e do grupo do Facebook Tijolinhos do Muro Pequeno. Os próximos três subcapítulos trazem a análise principal do trabalho, das entrevistas narrativas: a religiosidade na (des)construção e compreensão de identidades sexuais e de gênero não hegemônicas, a negritude no movimento LGBT e suas vivências particulares; o papel dos novos letramentos digitais no empoderamento dessas minorias sociais.

### 4.1 Muro Pequeno e seus desdobramentos

O canal Muro Pequeno tem como autor Murilo Araújo, um homem negro cisgênero e homossexual que milita pelos direitos LGBTs e negros ao mesmo tempo em que resiste em sua fé católica, sendo contestado de ambos os lados discursivos, o religioso e o LGBT que entram frequentemente em conflito. Entretanto, sua tentativa de desconstruir conceitos errôneos acerca de LGBTs que são propagados por líderes religiosos em geral tem sido bem sucedida.

O canal do YouTube se constitui como base principal de discussão e reflexão entre Murilo Araújo e seus seguidores, tendo cerca de quarenta e dois mil inscritos.

Há mais de um ano vídeos com temas de cunho político e ideológico são postados no canal Muro Pequeno. Há alguns meses o canal ganhou grande notoriedade entre o público LBGT, tornando-se uma referência nos meios digitais. Observo, no entanto, que a plataforma YouTube não apresenta tantas ações reativas e comunicativas quanto outras redes sociais virtuais que também são muito utilizadas atualmente. No presente site, pode-se curtir ou *descurtir*<sup>20</sup> vídeos, compartilhá-los em outras redes, adicionar vídeos à sua lista de favoritos e comentá-los sempre que o autor disponibilizar essa função. Isto é, o YouTube dispõe de diversas ferramentas de comunicação entre os usuários. Todavia, observo que no canal Muro Pequeno os comentários e reações são feitos de forma individual, não gerando discussões e reflexões além das propostas por Murilo em cada vídeo. Há comentários problematizando discursos e até mesmo provocando debates, entretanto, para esses, há no máximo duas respostas que não são seguidas de uma discussão, mas mais de conflito de opiniões sem propósito algum.

Durante as entrevistas narrativas realizadas com seis participantes, apenas um cita os comentários dos vídeos como fonte de informação. Entretanto, esclarece que é interessante perceber problematizações feitas ali, sem citar qualquer tipo de (des)construção colaborativa. Além disso, as reações aos vídeos se dão em forma de curtidas e inscrições no canal, atos individuais que formam uma reação imediata e sem consequências, sendo, então, o compartilhamento em outras redes sociais virtuais o modo mais eficaz de provocar maiores reações e discussões aos vídeos publicados no canal. Esse, inclusive, é um pedido que Youtubers<sup>21</sup> têm o costume de fazer ao final de seus vídeos: que os usuários os compartilhem.

Sendo o Facebook um dos locais virtuais mais acessados pelos usuários brasileiros, foi nele que o canal Muro Pequeno começou a ganhar maior visibilidade<sup>22</sup>. Murilo Araújo criou então o grupo no Facebook intitulado *Tijolinhos do Muro Pequeno* que conta atualmente com cerca de mil e quinhentos membros e cujo propósito seria o de reunir os seguidores do canal em um mesmo local, onde pudesse haver troca de reflexões mas também de apoio, já que são indivíduos que,

---

<sup>20</sup> Termo utilizado nas redes sociais virtuais que tem origem na palavra *dislike* do Inglês.

<sup>21</sup> Modo como autores de canais no YouTube são chamados nos meios digitais.

<sup>22</sup> Além de parcerias entre canais já muito conhecidos que foram feitas durante o percurso do canal.

algumas vezes, passam por problemas semelhantes. Assim, obtive mais material de observação e análise dos seguidores do canal no grupo do Facebook do que no próprio canal do YouTube. No canal, limitei-me a observar as narrativas de Murilo, não encontrando material importante de análise nas reações possibilitadas no próprio site.

Focando-me na observação de narrativas no grupo do Facebook, percebi que a participação ativa e frequente – através de postagens e comentários - geralmente se dava pelos mesmos indivíduos que voluntariamente me concederam entrevistas e mais alguns seguidores. O grupo contém postagens com frequência semanal, seus conteúdos são divulgação de canais LGBTs, tirinhas que fazem refletir sobre a identidade de gênero de pessoas transgênero e também indagações e problematizações com conteúdo similar ao do canal.

O que pude observar de discussões no grupo foram questões de negritude dentro do movimento LGBT - tópico bastante elucidado por Murilo em seus vídeos - bem como reflexões sobre a desconstrução de um modelo de masculinidade hegemônica, e demandas sociais sobre gênero e sexualidade. Os participantes que pude entrevistar, ao falarem de suas experiências com o referido grupo, sustentaram que é um local de (des)construção de discursos.

*ALICE: Acho que todas as discussões são feitas de um jeito bem saudável, todo mundo mostra seu ponto de vista de uma forma não violenta e ajudam uns aos outros, sem falar que é bem diverso, isso é ótimo.*

*ANDRÉ: Acho sim, lá as pessoas abordam visões diferentes de vários assuntos sempre de forma respeitosa, sinto que é um ambiente seguro pra informação rolar.*

*JOÃO: A impossibilidade de ser atacado facilita uma conversa mais profunda e fora do grupo o jeito é bater boca mesmo com as pessoas ignorantes. Tento pela paciência e calma mas quando são muito maldosos eu digo logo umas coisas pra calar a boca deles. Internet*

*também transmite a segurança de que você provavelmente não será atacado, facilita ter voz para o bem ou mal.*

*SIMONE: Eu vejo o grupo como um espaço confortável para levantar tópicos e discussões, porque todos costumam responder com bastante respeito. Tudo de um jeito bem amigável, pelo menos as discussões que eu presenciei/participei.*

Contudo, é notável - e alguns participantes citam - também a possibilidade de encontrar no grupo um apoio psicológico e emocional, já que suas vivências duras de minorias sociais muitas vezes se assemelham e uns podem ajudar os outros. Um dos entrevistados cita até um grupo no aplicativo Whatsapp<sup>23</sup> que foi criado através do grupo do Facebook no qual alguns seguidores também se comunicam.

*ANDRÉ: A princípio o grupo no whatsapp era pra discussões, mas parece que o pessoal já zerou os temas kkkk então acaba que serviu sim pra conhecer pessoas e fazer amigos, a galera se ajuda, aconselha, debate, é muito amorzinho.*

Outro entrevistado também ressalta a importância do grupo como um local de acolhimento psicológico e encontro de vivências semelhantes.

*PAULO: Eu acho que mais que discussão, lá é meio que um grupo de apoio, porque as vezes a gente não quer discutir sabe, a gente quer ser só ouvido e que alguém fale "te entendo". E eu já fiz algumas postagem contando problemas e parece um grupo de apoio mesmo, e sim tem discussões ótimas, mas eu vejo como um grupo de "auto-ajuda", não é essa a palavra mas é a que veio agora.*

Assim, através de discussões, o grupo no Facebook provoca desconstruções de discursos e conceitos, promove o empoderamento dessas minorias e ainda cria

---

<sup>23</sup> Aplicativo para smartphones cujo objetivo principal é a comunicação via texto, áudio e vídeo.

um círculo de ajuda entre pessoas que sofrem com as mesmas opressões sociais. Tudo isso sustentado pelo canal no YouTube que semanalmente traz vídeos com temas apropriados para qualquer que seja a atividade entre os seguidores no grupo.

#### 4.2 Compreensão da identidade sexual: minorias e religião

Murilo Araújo, dono do canal Muro Pequeno, sempre que possível, deixa evidente em seus discursos suas identidades entrecruzadas de gay, negro e cristão. É, em um primeiro momento, intrigante o cristianismo e a militância LGBT em identidades articuladas de um mesmo sujeito considerando o histórico de opressões que LGBTs vivem por parte de certas religiões, especialmente a Cristã. Entretanto, Murilo tenta, em seus vídeos e discussões, justamente desmistificar certos discursos religiosos que condenam a população LGBT ao local do pecado<sup>24</sup>.

Dessa maneira, um discurso que liga boa parte dos seguidores do Muro Pequeno é o de sentimento de libertação do pecado, após perceberem, através do canal e seus desdobramentos, que essas práticas discursivas religiosas de opressão são socialmente construídas bem como todas as outras práticas que vivenciamos. Dentre os 6 entrevistados, 5 mencionaram dificuldades na compreensão de suas identidades sexuais tendo contato direto com religiões contrárias a suas sexualidades. A participante Alice, 16 anos, considera-se mulher negra cisgênero e bissexual. Faz parte do movimento feminista e conta que o processo de descoberta e auto compreensão de sua orientação sexual não normativa foi inicialmente tranquilo, entretanto, teve alguns problemas no percurso.

*Na minha família nunca fomos de ter religião, todos se consideravam católicos mas não frequentavam a igreja, nem liam a bíblia, então eu cresci sem conhecimento algum. Ficava com meninos e meninas, mas nunca usei rótulos, quando fiz 13 anos me converti na Igreja Evangélica*

---

<sup>24</sup> Importante ressaltar aqui que, segundo o autor do canal, sua tese de doutorado se volta justamente para a relação entre LGBTs e o cristianismo, tamanho seu interesse no assunto.

*por escolha mesmo e comecei a negar essa minha sexualidade, fiz isso por 2 anos e meio.*

Alice começa sua narração citando a religião, dando à igreja certo grau de sabedoria a qual ela não teve acesso em seu desenvolvimento ao dizer “cresci sem conhecimento algum”, delegando um poder de sabedoria de vida à religião e ao livro sagrado dessa religião, a Bíblia. Em seguida, faz referência à experiência de se relacionar com meninas e meninos em contraste com o fato de não ser de família religiosa. Ela cita, então, em sua narrativa, duas igrejas cristãs, a católica e a evangélica, nas quais a prática que foge da heteronormatividade é condenada como pecado. Aos 13 anos, Alice se insere nessa prática discursiva religiosa e tenta se adaptar aos seus padrões, como bem anuncia em “me converti”, expressão que designa uma tentativa de mudança de identidade, seguida da frase “comecei a *negar* minha sexualidade”, demonstrando ser necessário certo sofrimento para desconstruir essa identidade sexual fluida por uma heteronormativa que lhe foi imposta.

Pergunto, então, como foi esse processo de negação identitária dentro da igreja e qual seria a situação atual dela.

*PESQUISADORA: E como que você saiu desse processo de negação dentro da igreja?*

*ALICE: Eu já havia me afastado da igreja antes de me apaixonar por uma garota (minha atual namorada) e pouco antes de me apaixonar por ela, eu fui adquirindo conhecimento sobre os movimentos sociais, sobre política e isso mudou totalmente a forma como eu via as coisas, de repente eu não me encaixava mais nas normas da igreja, no conservadorismo e comecei a perceber que era um lugar opressor pra quem não era hetero, quando conheci minha namorada, no começo eu fiquei bem confusa, porque nunca havia me apaixonado por uma garota, mas disse pra mim mesma que não poderia sentar na igreja e fingir que isso não ta acontecendo, fingir que não gosto dela e que não sou assim, então eu saí de vez.*

Primeiramente, em “eu já havia me afastado da igreja antes de me apaixonar por uma garota” ela sinaliza que já estava abandonando a religião antes de se apaixonar por sua atual namorada. Colocando esse aspecto em evidência em sua narração, Alice determina que sua escolha por deixar para trás uma identidade construída religiosamente não tem motivação emocional e sim racional, mas deixa demarcada sua bissexualidade sempre existente afirmando que “pouco antes de me apaixonar por ela, eu fui adquirindo conhecimento sobre os movimentos sociais”, isto é, ao entrar em contato com práticas discursivas LGBTs, passou a repensar sua identidade. Em contato com discursos de empoderamento de sua sexualidade, Alice designa à igreja um “conservadorismo”, utilizando o indexical avaliativo “lugar opressor” para quem não seguia os padrões heteronormativos. Alice, que anteriormente se descreve como alguém que se deixou passivamente levar por discursos heteronormativos da igreja da qual fazia parte, em certo momento da narrativa se posiciona de forma ativa, utilizando o descritor metapragmático “disse pra mim mesma”, como quem conversa com dois discursos contrários em uma mesma (des)construção de identidade e decide por um deles.

O entrevistado André, 24 anos, considera-se homem negro cisgênero e homossexual. Não participa ativamente de nenhum grupo de militância oficial, apesar de estudar pautas do movimento LGBT e do movimento negro por conta própria. Seu processo de auto compreensão como pertencendo a uma orientação sexual não normativa também teve influências de discursos da Igreja que o oprimiram de certa forma, fazendo com que não conseguisse se reconhecer na identidade que construiu até seus vinte anos. Entretanto, diferentemente de Alice, André não fez essa escolha, pois nasceu em uma família religiosa que naturalmente o levou à igreja.

*ANDRÉ: Eu venho de família religiosa, meus pais são Testemunhas de Jeová e faz pouquíssimo tempo que abandonei a religião. E os TJs vivem como se fosse numa bolha, completamente separado de qualquer influência da sociedade, então eu nunca tive contato com nada do universo LGBT, sempre achei que eu era diferente mas não entendia o pq, achava que tinha admiração por garotos e que isso passaria, o*

*sofrimento maior foi não saber o que e pq eu sentia essas coisas, depois que saí de casa, comecei a pesquisar na Internet sobre esses assuntos, e descobri que o que eu "sentia" era ser gay. Foi um alívio pq vi que era algo normal, então foi fácil de aceitar. O sofrimento maior foi conviver mais de vinte anos com isso sem saber o que era, depois de entender o que se passava comigo foi muito fácil aceitar e amar tudo isso rs.*

*PESQUISADORA: Ah, então sua auto descoberta e compreensão ocorreram na vida adulta?*

*ANDRÉ: Sim, na vida adulta por meio de pesquisa pessoal, canais no YouTube e páginas LGBTs na net. Acredito que se esse conteúdo me fosse apresentado mais cedo eu teria me poupado de muito sofrimento.*

André evidencia que seus pais fazem parte da religião Testemunhas de Jeová e que ele não mais. Ele descreve os participantes da religião com o indexical avaliativo “vivem como se fosse numa bolha”, justificando sua ausência de conhecimento sobre LGBTs. Percebe-se também nessa referência que André considera-se totalmente fora desse discurso religioso, quando faz alusão a “eles”. Quanto à sua sexualidade, a predica como “diferente”, reiterando a heteronormatividade presente nas práticas discursivas religiosas com as quais entrava em contato na tentativa de uma construção de identidade. Ao conseguir sua independência financeira e sair da casa dos pais, André também atinge certa liberdade para tentar resolver seus conflitos identitários. Ele se posiciona ativamente na (des)construção de sua identidade sexual quando utiliza os descritores metapragmáticos “comecei a pesquisar” e “*descobri* o que o que eu sentia era ser gay”.

Nessa narrativa, assim como na da Alice, também há a referência ao sofrimento, aqui, porém, ele não é relacionado apenas ao sentimento de estar em pecado por pertencer à igreja e ao fato de ser LGBT dentro dessa religião, mas também ao fato de que sua identidade homossexual sempre esteve latente em sua vida como algo nebuloso que não fazia sentido para ele. André aponta isso em “o sofrimento *maior* foi conviver mais de vinte anos com isso sem saber o que era”,

demonstrando conflitos identitários advindos de uma visão essencialista que define identidades como fechadas e únicas. Ele evidencia esse sofrimento quando sinaliza que foi um “alívio” quando compreendeu sua identidade desviante da heteronormativa. Por fim, em “se esse conteúdo me fosse apresentado mais cedo eu teria me poupado de muito sofrimento”, André utiliza o indexical avaliativo “muito sofrimento” para predicar sua vivência de identidades tão divergentes entrecruzadas.

André coloca sua identidade sexual como passivamente construída por discursos religiosos que lhe foram impostos durante boa parte de sua vida quando utiliza o descritor metapragmático “tive” em “nunca tive contato com nada do universo LGBT”, como alguma informação que não lhe foi oferecida. Ele reafirma isso em sua fala “se esse conteúdo me fosse apresentado mais cedo eu teria me poupado de muito sofrimento”, pois o descritor metapragmático “ser apresentado” lhe coloca numa posição passiva. Entretanto, ao longo da narrativa, posiciona-se como dono de seus atos e predica sua busca por conhecimento como “pesquisa pessoal”, isto é, ato individual que partiu de si mesmo, de suas incompreensões, tomando posse de sua construção identitária.

Guilherme, 23 anos, considera-se homem negro cisgênero e polisssexual/homossexual flexível (o participante afirma que não gosta de rotular seus desejos e sentimentos, mas, quando em discussões, utiliza esses termos para se posicionar politicamente). O entrevistado afirma que não é militante ativo de movimentos sociais pois é dependente financeiro e desempregado, o que lhe faz manter certa discrição acerca de sua sexualidade (não assumida) e de suas ideologias. Quanto a seu processo de descoberta e compreensão da orientação sexual, afirma que foi difícil.

*GUILHERME: Foi doloroso, no começo foi muito pior. Acho que me descobri com 13 anos. Antes disso só tive paixões por algumas meninas. Um dia... No recreio...Vi dois meninos brigando, da minha estatura e idade e gostei de vê-los... algo semelhante a UFC.*

*PESQUISADORA: Essa experiência foi aos 13 anos?*

*GUILHERME: Sim, mas não tinha consciência disso. Eu quis lutar, sentir, achava que só queria lutar. E também teve um garoto do ensino médio que achei que quis apenas amizade, mas era tudo muito superficial. Aos 14, foi aí que tomei consciência. Estava junto com outros garotos, era um momento raro porque naquela época eu ainda era antissocial e sem querer acabei deduzindo em voz alta...E isso foi uma bomba, a escola inteira soube e começaram a me tratar diferente, como se tivessem prazer em me torturar. Minha mãe soube, minha família me esfaqueou psicologicamente dizendo que isso não era natural, que era pecado e eu acreditei*

Na narrativa de Guilherme, seu autoconhecimento sexual começou por volta dos 13 anos de idade e ele predica esse processo como “doloroso”, evidenciando novamente o sofrimento pelo qual LGBTs passam numa sociedade que predica como normal e aceitável o padrão heteronormativo. Ele utiliza o descritor metapragmático “tomei” em “Aos 14 *tomei* consciência”, colocando-se numa posição ativa perante a compreensão de sua sexualidade. Ao contar sua experiência, predica a reação de seus colegas, amigos e familiares como “uma bomba”, indexical avaliativo utilizado pelo entrevistado, trazendo uma conotação extremamente negativa a esse momento que, segundo ele era como uma tortura. Durante boa parte do discurso de Guilherme, não temos referência alguma à igreja, como vimos na narração de Alice. No entanto, ao explicar a reação de sua família à descoberta de sua sexualidade, Guilherme faz referência ao discurso religioso sendo utilizado como forma de reprimir sua orientação sexual recentemente descoberta. Ele destaca que sua família o “esfaqueou psicologicamente”, descritor metapragmático utilizado por ele dando uma conotação extremamente dolorosa à situação que vivenciou. Ao narrar que sua família via sua prática sexual como fora do natural, como “pecado”, evidencia o discurso religioso como um fator importante no silenciamento de sua identidade sexual.

João, 23 anos, considera-se homem negro cisgênero e homossexual. Não faz parte ativamente de grupos de militância, apenas acompanha e se identifica com pessoas, grupos e ideologias. Quanto a seu processo de compreensão de uma

sexualidade não normativa, João traz um discurso em formato de desabafo, solicitando contar um pouco da sua história.

*JOÃO: Estranho como todos nós sentimos que somos diferentes desde muito novos. De alguma forma eu já sabia que era diferente dos demais pelo meu jeito de olhar, de me comportar e pensar que não era nada parecido com o dos meus primos. Enquanto eles queriam ser policiais eu queria desenhar bonecas. Fazia bonecas com o que tinha e colocava nos meus carrinhos. Sempre fui mais frágil, Mais pacato e dificilmente fazia amizade com homens. Sempre tive uma ligação mais forte com as mulheres. Claro que o fato de elas serem mais sentimentais e abertas facilitava isso. Os homens tinham desde sempre para mim uma agressividade que eu não entendia muito bem. Mas a gente muito pequeno sente que é diferente, mas não sabe ao certo por que.*

João se posiciona como indivíduo LGBT com propriedade sobre o assunto quando faz referência a "todos nós", colocando-se como uma espécie de porta-voz dessa minoria social que, segundo ele, sempre se sente diferente. No entanto, rapidamente, muda a pessoa do discurso para "eu" para que possa individualmente se comparar aos "demais", referência feita às pessoas que se enquadravam em um padrão heteronormativo no qual ele não se reconhecia, incluindo seus primos. Ele narra que "enquanto eles queriam ser policiais eu queria desenhar bonecas", sendo "eles" uma referência aos seus primos que, ao brincarem de ser policiais são predicados como meninos dentro do padrão heteronormativo considerado natural. Já João, preferia desenhar bonecas. Ele faz essa contraposição pois sentia atração pelos brinquedos que eram designados às meninas, o que foge do padrão imposto e é comumente considerado socialmente errado. Além disso, predica seu modo de ser "frágil, pacato e sentimental" como algo pertencente também às mulheres, o que, para ele, reiterava sua identidade sexual não normativa. Faz, assim, referência à socialização de homens e mulheres que se dá de forma diferente nas brincadeiras e até mesmo nas atitudes destinadas a cada gênero e sinaliza que o que foge desses limites acaba sendo condenado.

Mais uma vez, deparei-me com o discurso religioso interferindo na construção da identidade sexual de pessoas LGBTs. João, pertencente a uma família católica, demonstra em seu relato que passou pelo mesmo sofrimento de não pertencimento aos padrões que a Igreja demandava:

*JOÃO: Cresci com minha mãe me levando em correntes de oração nas igrejas porque segundo pessoas que visitavam nossa casa "irmãos", eu tinha um espírito ruim em mim que me perturbava. Frequentei a igreja durante anos sem sucesso nessas curas malucas, fingi ser heterossexual por muito tempo.*

Ele conta que cresceu ouvindo que estava sendo perturbado por um “espírito ruim”, referência à predicação feita pelos religiosos à sua sexualidade não normativa. O entrevistado demonstra que não acreditava em rituais religiosos aos quais era submetido, utilizando o indexical avaliativo “curas malucas” para descrevê-los, entretanto, passivamente aceitou a condição. Para reiterar que não era uma decisão própria e sim uma condição passiva, João utiliza o descritor metapragmático “fingir”, em “*fingi ser heterossexual*”.

Paulo, 20 anos, considera-se homem negro cisgênero e homossexual. Diz que, no momento, não faz parte de nenhum movimento, é militante de forma mais tácita. Afirma que como estudante de licenciatura, milita em todos os seus meios sociais, tentando desconstruir certos conceitos e preconceitos aos poucos. Sobre seu reconhecimento como homossexual, relata que não foi fácil e, mais uma vez, o discurso religioso tem extrema importância nesse processo conturbado.

*PAULO: Foi bem difícil, nasci em uma família bem religiosa, embora cheia de hipocrisias. Desde mais novo, antes mesmo de eu saber sobre mim, as pessoas já sabiam pelo menos na cabeça delas por ser afeminado desde de muito pequeno, mas durante a infância em si, tudo foi bem tranquilo. O problema começou por volta dos 11 anos, foi quando realmente começou a me despertar os desejos do corpo, as primeiras paixões.*

Paulo descreve que o desenvolvimento de sua identidade como homossexual foi difícil e imediatamente faz referência ao fato de sua família ser religiosa, o que sinaliza uma conexão entre os fatos. Ainda predica a família como “cheia de hipocrisias”, o que demonstra que provavelmente teve várias divergências discursivo-identitárias com ela devido à sua prática homossexual. Paulo, bem como João, traz em sua narrativa o fato de apresentar características designadas ao sexo feminino, o que, para as pessoas em geral, tornava-se uma evidência de fuga do padrão heteronormativo. Sobre esse fato, ele afirma que, antes mesmo de seu auto reconhecimento como homossexual, as pessoas já o predicavam assim, como afirma em “as pessoas já *sabiam* pelo menos na cabeça delas”, designando certo poder de sabedoria a pessoas - que não ele - sobre sua própria identidade.

Por fim, temos a narrativa da Simone, 17 anos, mulher branca e pansexual, que afirma que, por algum tempo, esteve confusa quanto à sua identidade de gênero, mas que hoje em dia se reconhece como mulher cisgênero. Simone faz parte do movimento feminista e LGBT, principalmente pelos meios digitais, pois, segundo ela, por conta de sua pouca idade ficaria difícil a manifestação ocorrer de outras formas. Apoia também o movimento negro, com restrições, pois como mulher branca, reconhece seu lugar de fala e respeita o espaço de luta de quem a protagoniza. A respeito da sua sexualidade e das descobertas acerca da sua identidade pansexual, conta que desde o início teve conexão com os meios digitais. Simone afirma que sentiu os questionamentos quanto à sua sexualidade pela primeira vez por volta dos 13 anos de idade:

*SIMONE: Eu costumava não pensar muito nisso, até que pela internet comecei a ter mais contato com discussões de temas LGBTs e coisas do gênero. Eu lembro de ver uma postagem em uma página de um fandom que eu gostava, que tinha um casal LGBT, que me fez começar questionar esse tipo de coisa e me envolver um pouco mais. Depois de começar a questionar foi fácil notar coisas que eu estava ignorando, como por exemplo se eu me interessava por uma garota eu costumava deixar de lado, porque é algo considerado normal garotas prestarem atenção na*

*aparência de outras e coisas do tipo. Nessa época eu já tinha um grupo de amigos bem diverso e por conhecer outras sexualidades e estar confortável com essa ideia acabei não tendo muitos problemas com a minha e em pouco tempo comecei a me identificar como bi. Algum tempo depois mudei para pansexual quando conheci o termo, por me identificar um pouco mais.*

Simone faz referência a um fandom - termo utilizado para designar um grupo de fãs de determinado artista, série, filme, etc. em comum - online como o primeiro contato que teve com as temáticas LGBTs. Simone se coloca em seu discurso de forma ativa, descrevendo que, a partir desse contato, ela própria passou a se questionar quanto a assuntos de gênero e sexualidade. Ela predica seu grupo de amigos como "bem diverso", demonstrando que havia um local onde poderia expressar sua identidade sexual de forma livre e confortável.

Seu relato chama atenção porque é o único dentre os seis que não possui referência a problemas com família ou religião. Pergunto se a família sabe de sua orientação sexual e ela afirma "não. (...) como sei que tem chances de responderem de maneira negativa prefiro esperar pra contar da minha sexualidade quando for mais independente". Simone é uma das mais novas entrevistadas, mora com sua família e depende financeiramente deles. Por esse motivo, ainda se restringe a mascarar sua identidade sexual não padrão para evitar possíveis conflitos. Esse receio se justifica pelo histórico de reações negativas por parte de famílias de LGBTs, como vimos na própria pesquisa e percebemos diariamente.

#### 4.3 Negr@ e LGBT

Na geração de dados, um determinado fator que antes passara despercebido ficou em evidência quanto ao público seguidor do canal Muro Pequeno. De um total de seis entrevistados, cinco se identificam como negros (as). Esse "não perceber" se deu provavelmente por minha vivência privilegiada de branca numa sociedade em que o branco é visto como normal e o que foge do

branco é classificado como raça, como diferente, assim, meu olhar pessoal e de pesquisadora não se voltou primeiramente para questões raciais. Em contraposição, esse fator identitário demonstrou fazer parte da opressão diária desses seguidores. Isso fica evidente nos discursos dos participantes, ao narrarem como se dá esse entrecruzamento de raça, gênero e sexualidade em suas vidas diárias.

André foi o primeiro participante a mencionar essa vivência LGBT atravessada por discursos de racismo, quando investiguei sua participação em grupos de militância social, o que fez com que nas demais entrevistas eu passasse a investigar tal situação.

*ANDRÉ: Não participo ativamente de nenhum grupo oficial, estudo pautas do movimento LGBT e do movimento negro por conta, mas não tô afiliado a nenhum, é aquela dificuldade de encontrar um movimento que me contemple como negro e como LGBT.*

*PESQUISADORA: Ah sim, você sente mais dificuldades nos movimentos por ser gay e negro, é isso? De que forma isso acontece?*

*ANDRÉ: É difícil separar as duas coisas porque é como se ser negro + gay fosse uma combinação pior do que ser apenas negro ou apenas gay, eu sofro racismo da sociedade e dentro do movimento LGBT e sofro por homofobia na sociedade e dentro do movimento negro, ouço frases do tipo: "não basta ser preto ainda tem que ser gay", então é outra realidade. E o racismo nem sempre é ser chamado de macaco sabe, tem a objetificação, o fetichismo, a negação à afetividade, a invisibilidade, são coisas cotidianas.*

André relata estar em contato com pautas LGBTs e do movimento negro. No entanto, ao definir o motivo de sua abstenção de uma participação mais ativa, faz referência a “aquela dificuldade”, que remete ao racismo que enfrenta no movimento LGBT e da homofobia que muitas vezes sofre dentro do movimento negro. Isso resulta em um entrecruzamento de opressões vividas que ele considera uma combinação predicada por ele como “pior do que ser apenas negro ou gay”,

expondo a forma negativa como uma pessoa homossexual é tratada em nossa sociedade, o racismo que um negro sofre ao ver circular discursos que o inferiorizam e declarando um nível maior de opressão que um indivíduo sofre quando combina essas duas características sociais desprezadas em uma mesma identidade. Ele faz referência a uma fala recorrente na opressão a LGBTs negros “não basta ser preto ainda tem que ser gay”. E ele mesmo predica sua realidade de homem gay e negro como “outra realidade”, diferente da que LGBTs brancos vivem, ou também da que negros heterossexuais vivenciam.

João, além de citar episódios de racismo aliados à homofobia, traz também um relato de gordofobia que passou com um parceiro, fazendo um outro entrecruzamento de vivências de minorias sociais.

*PESQUISADORA: Como é sua vivência diária de homem gay e negro?*

*JOÃO: Essa é uma questão complicada pois depende muito do ambiente no qual estou. Se estou em casa ou com a família me sinto mais incomodado porque sou gay e eles não aceitam bem. Se estiver na rua dependendo de como estou vestido as pessoas olham estranho, sinto como se tivesse sempre que estar "bem vestido" para não atrair olhares negativos dos outros, especialmente em locais onde as pessoas de maior condição vão. Situações difíceis acontecem por ser gay só quando mostro afeto por outro rapaz em público. As pessoas olham e fazem comentários, como essa quarta no cinema quando fui assistir filme com um rapaz que estou saindo (nada sério AINDA rsrs) e ele me beijou, ouvi alguns comentários maldosos...Por estarmos nos beijando e por ele ser gordo.*

*(...)*

*Mas não vou me deixar abalar mais por isso. Enfrento e se reclamar respondo. Chamou de negrinho ou qualquer outro adjetivo maldoso relacionado a minha pele já falo logo que é injúria racial e pode ter sérias consequências. Temos que usar os poucos direitos conquistados.*

Na fala de João percebemos relatos de vivências de situações muito semelhantes às descritas por André. Ele faz referência a esse entrecruzamento identitário quando utiliza o descritor metapragmático “depende” em “depende muito do ambiente no qual estou”, descrevendo o sentimento de ser negro e gay e as dificuldades que encontra com isso. Ele cita as pessoas na rua, cujos olhares predica como “estranhos”, por ser negro e não condizer com os padrões de vestimenta impostos para que, sendo negro, seja considerado aceitável socialmente. Ele cita isso ao relatar que deve estar “bem vestido para não atrair olhares negativos”. Isto é, ao predica os olhares como “estranhos” e “negativos”, demonstra que, por sua cor da pele, sofre preconceito apenas ao circular pelas ruas, principalmente por parte de pessoas as quais predica como “pessoas de maior condição”, referência feita a pessoas de classe social mais afortunada.

João ainda narra que situações de homofobia ocorrem quando demonstra sua identidade sexual em público. Ele utiliza o descritor metapragmático “só” em “situações difíceis acontecem por ser gay só quando mostro afeto por outro rapaz em público” tentando minimizar a dimensão do preconceito que sofre, entretanto, é justamente na expressão de sua identidade sexual através da afetividade que é inferiorizado socialmente, é em sua prática identitária que sofre a homofobia, o que lhe confere uma posição um tanto passiva em relação a discursos de opressão sexual. Entretanto, quanto ao fato de ser negro e sofrer racismo, João se posiciona de forma empoderada, utilizando os descritores metapragmáticos “já falo logo”, demonstrando voz ativa no discurso que circula. Finaliza o assunto fazendo referência aos direitos da pessoa negra no Brasil, que predica como “poucos direitos”, mas garante que os usa e através do descritor metapragmático “temos que” em “*temos que* usar os poucos direitos conquistados”, convoca um empoderamento de negros em massa.

Paulo, além de se caracterizar como negro, especifica que sua cor é parda. Faz isso para evidenciar as diferentes vivências que negros com tons de pele diferentes vivem.

*PAULO: Minha cor é parda, e minha raça é negra. Tem muita gente que discorda do termo pardo, porque falam que pardo é papel kk*

*PESQUISADORA: Já vi essa discussão por aí mesmo, pode explicar melhor?*

*PAULO: É porque assim, dentro da raça negra há negros bem escuros, chamados de retintos e negros como eu q são "mestiços", pai branco e mãe negra. Eu nasci com a pele mais clara e no Brasil há um negócio chamado pigmentocracia, quanto mais escuro você é, mais racismo você sofre. Quanto mais claro, perto do padrão branco, menos racismo você sofre. E eu acho importante sempre ressaltar que sou pardo, que embora militante negro eu sou tratado bem diferente de um negro de pele retinta.*

*(...)*

*PESQUISADORA: E na sociedade em geral, você acha que enfrenta algum preconceito a mais por ser homossexual e negro?*

*PAULO: Então, isso foi uma coisa mt difícil de entender porque antes das pessoas me verem como homossexual, elas me veem como negro e durante esse tempo eu me apaixonei por diversos meninos, todos brancos, porque é assim que a gente é ensinado, a gostar de brancos. E adivinha? Ninguém gostava de mim, nenhum dos meninos gays brancos. E sério, a adolescência foi de solidão, os meninos só se aproximavam de mim para sexo, por ter um corpo negro "gostoso", aquele racismo de achar que negro é fofinho. E minha autoestima foi lá embaixo.*

Paulo, assim como João, demonstra empoderamento quanto a sua negritude, tomando a posição de voz ativa e embasada no discurso que surge em sua narrativa. Ao fazer uso dos descritores metapragmáticos “é porque assim” precedendo uma explicação, Paulo se coloca em uma posição de poder de quem detém o saber sobre o assunto e o explica com embasamento. Ele afirma que sua cor é parda, bem como outros “mestiços”, referência feita à miscigenação de raças. Quanto à sua raça é negra, por questões identitárias de pessoas negras. Ele faz essa distinção para destacar o racismo que negros mais escuros sofrem no Brasil, fazendo referência ao termo “pigmentocracia” e se posicionando perante a esse discurso utilizando os descritores metapragmáticos “eu acho importante ressaltar”

quando fala de sua cor e do nível de racismo que enfrenta ser diferente do que outros negros com pele mais escura vivenciam.

Sobre os entrecruzamentos identitários de negro e homossexual, Paulo também explicita duas vivências atravessadas e, ao mesmo tempo, separadas em alguns momentos. Ele predica essa experiência como “muito difícil de entender”, justamente por sua identidade estar difusa em sua auto compreensão e ao mesmo tempo ser desmembrada pelas pessoas, denunciando, certas vezes, sofrer mais com o racismo do que com a homofobia propriamente. Nesse racismo se encaixam diversas situações, não somente as exclusões sociais que João evidencia, mas também na objetificação sexual da pessoa negra. Paulo utiliza o descritor metapragmático “só” em “os meninos só se aproximavam de mim para sexo” quando afirma que rapazes brancos apenas demonstravam interesse por ele pelos discursos que circulam a percepção do negro como um instrumento de serviço sexual. Ao fazer uso do descritor metapragmático “adivinha”, ele salienta o quanto esse discurso é presente nas práticas sociais de todos nós e o quanto sofreu com isso, citando sua adolescência, predicada por ele como “de solidão”.

Alice, por fim, também se posiciona como negra, entretanto, quando lhe questiono quanto a vivências de racismo, assim como Paulo, ela explicita que não fazem parte tão ativa do seu dia a dia como ocorre com negros de pele mais escura.

*PESQUISADORA: Você acha que enfrenta algum preconceito a mais por ser bissexual e negra?*

*ALICE: Não, porque sou uma negra de pele mais clara e eu reconheço que tenho privilégio sobre uma negra de pele mais escura, tem gente que nem me considera negra, "morena, parda e até mulatinha" eles me dizem... eu sofro mais preconceito com meu cabelo cacheado (agora alisado mas passando por transição) do que pela minha cor.*

Através de sua narrativa podemos perceber que, bem como João e Paulo, Alice detém o poder do saber sobre o assunto, demonstrando voz ativa ao utilizar descritores metapragmáticos enfáticos como “sou” e “reconheço” ao falar de sua

vivência. Ela também faz referência a negros de pele mais escura, definindo sua situação social em relação a eles utilizando o indexical avaliativo “privilégio” em “eu reconheço que tenho *privilegio* sobre uma negra de pele mais escura”, que é o que considera ter no que concerne a níveis de racismo, ainda que tenha sua identidade de raça menosprezada pelos termos que cita “morena, parda e até mulatinha”.

#### 4.4 O empoderamento nos meios digitais

No que diz respeito ao contato com os meios virtuais e cibernéticos, quase todos os participantes o tiveram primeiramente na adolescência, entre 12 e 16 anos, exceto André que o teve aos 19 anos. Todos afirmaram acessar frequentemente as redes sociais virtuais Facebook e YouTube, além de outras plataformas em comum entre alguns deles como Instagram, Whatsapp, Tumblr e Snapchat. Dentre os seis participantes, quatro – Alice, André, João e Simone - afirmam que conheceram o canal Muro Pequeno através de recomendações do próprio site YouTube. Essas sugestões surgem através do histórico de temas de vídeos assistidos pelo usuário, sendo assim, é muito provável que esses quatro entrevistados já acessassem canais de vídeos com conteúdo sobre LGBTs e/ou negritude anteriormente. Guilherme e Paulo também sinalizam esse contato anterior com os referidos temas ao contarem que seu primeiro contato com o canal se deu através de outro canal chamado “Afro e Afins” e através do Facebook – respectivamente.

Um fator importante que é retomado nesse subcapítulo é a relação de LGBTs com a religião em geral. Todos os participantes, ao falarem sobre seus vídeos preferidos ou sobre reflexões empoderadoras que os vídeos propiciaram citam fatores religiosos. Quando pergunto a Alice se possui algum vídeo favorito no canal, ela fala diretamente sobre sua relação com a igreja.

*ALICE: O vídeo que se chama "O que a bíblia (não) diz sobre a homossexualidade" quando eu me afastei da igreja e comecei a me aceitar, eu tive muita dificuldade porque gostava muito da igreja e de ter um relacionamento com Deus, e o Murilo falou tudo que eu precisava pra*

*não parar de acreditar que Deus me amava e me aceitava do meu jeito...Os dois vídeos que ele fez com o a Jéssica do Canal das bee sobre isso, também.*

Ao relatar sua experiência de afastamento da igreja através do indexical avaliativo “muita dificuldade”, Alice deixa evidente a impossibilidade que teve de manter sua identidade bissexual juntamente com sua prática religiosa. Isso porque, em muitas igrejas, a sexualidade que foge do padrão imposto é considerada pecado, sendo inviável manter-se dentro do discurso religioso sendo desviante da heteronormatividade. Ela retoma esse sentimento de estar em pecado quando cita o vídeo em que reconstruiu sua visão ideológica em relação a sua religião e sua sexualidade. Ela sinaliza isso em “Murilo falou tudo que eu precisava pra não parar de acreditar que Deus me amava e me aceitava do meu jeito”, designando a Murilo certo poder de sabedoria nos descritores metapragmáticos “falou tudo que eu precisava”. Ela resgata então sua relação com a religião como sinaliza em “me amava e me aceitava”.

Bem como Alice, André também teve conflitos por tentar ser LGBT e cristão concomitantemente, acreditando, anteriormente, não ser possível esse entrecruzamento de performances identitárias. O participante afirma que essa tentativa não deu certo durante muito tempo.

*ANDRÉ: Eu acho que a questão de ser lgbt e cristão, pra mim não funcionou muito e a gente acaba achando impossível fazer os dois, e taxando quem tenta fazer de alienado e tals, o discurso do Murilo me fez perceber que dá pra fazer da religião um lugar de militância tbm, e que a gente não precisa abrir mão da fé pra ser a gente mesmo.*

Através de sua relação frequente com o canal Muro Pequeno, André consegue conciliar melhor sua religiosidade com sua identidade sexual não hegemônica. Utilizando os descritores metapragmáticos “me fez perceber” referindo-se a Murilo e a seus discursos sobre ser um cristão LGBT, André posiciona Murilo

como agente ativo de sua mudança discursiva. Hoje, André predica a religião como um “lugar de militância” e vive sua fé, demonstrando que as identidades de cristão e LGBT não são excludentes.

João começa sua narrativa sobre religião se posicionando de forma diferente da de Alice e André. Primeiramente, não se posiciona como alguém que tenha sido afetado pelos discursos religiosos em relação a LGBTs. Sobre suas preferências no canal Muro Pequeno:

*JOÃO: Principalmente os que falam a respeito de religião porque gosto de ter ferramentas para utilizar na hora das discussões em casa. O mais recente que fala sobre as interpretações errôneas que fizeram da bíblia foi maravilhoso e a base bibliográfica disponível foi genial, assim podemos procurar essas informações também em sua forma original. Esse vídeo é esclarecedor, livra a cabeça de muitas neuras rsrs*

Através do indexical “ferramentas”, João afirma que os vídeos de Murilo lhe deram sustentação teórica no momento em que entra em embate ideológico com seus familiares religiosos, citando inclusive a “base bibliográfica” disponibilizada em um dos vídeos. Até o momento, João se posiciona firme perante sua sexualidade relacionada a discursos religiosos de pecado. Entretanto, além do embasamento teórico que o vídeo proporciona, no fim de sua fala utiliza os descritores metapragmáticos “livra” e “muitas neuras” para relatar que ele também o faz compreender que os discursos religiosos que o demonizam podem ser ressignificados

Paulo também traz um relato relacionado à religião sendo abordada em vídeos do canal. Quando pergunto sobre seu vídeo favorito, traz reflexões sobre sua criação cristã e seus traumas por sentir-se em pecado.

*PAULO: O vídeo sobre a bíblia, o que ela não diz. Porque por mais que hoje estivesse forte, esteja forte, sempre ficava aquela questão a respeito*

*da bíblia...e ela nos "condena" e fui ensinado assim desde pequeno, então fez eu repensar isso e tirou um peso das costas.*

Paulo, que anteriormente já demonstrara sua relação conturbada com a religião cristã, retoma esse discurso sinalizando em “por mais que esteja forte” que, apesar de não ser religioso e seguir seus dogmas, a igreja e seus discursos o afetam, como reforça em “sempre ficava aquela questão a respeito da bíblia”, sendo a bíblia, mais uma vez, definida como detentora do saber, designando a ela um poder que, por mais que não sejam religiosos, certos indivíduos o fazem. Isso porque nossa cultura foi e é baseada em preceitos religiosos, embora vivamos em um estado laico. Sendo afetados desde o nascimento por esse discurso, ele tem papel importante nas práticas identitárias de muitos sujeitos, mesmo aqueles em desconstrução. Paulo destaca isso em “ela nos condena” e “tirou um peso das costas”, fazendo referência ao fato de estar em pecado segundo o discurso religioso sustentado por muitos líderes cristãos ao fazerem suas interpretações da bíblia, seu livro sagrado. Ao utilizar o descritor metapragmático “tirou”, dá crédito ao vídeo do canal Muro Pequeno por sua libertação desse discurso cristão de culpa.

Outra participante que cita, entre seus vídeos favoritos, um vídeo do canal que aborda questões religiosas e, através dele, empodera-se perante discursos cristãos de opressão é Simone. Entretanto, não se posiciona passivamente a essas opressões. Ao contrário, Simone afirma que havia, como uma reação de opressão, um certo preconceito de sua parte em relação às religiões.

*SIMONE: Vários vídeos já me fizeram questionar ou apenas pensar mais sobre um tema. Acho que o último foi o vídeo sobre o que a bíblia não diz sobre a homossexualidade, porque nunca fui muito religiosa e não conhecia a religião sobre essa perspectiva o que gerava um certo preconceito que acabei repensando.*

Trago aqui a reflexão de que sua atitude avaliada com o indexical de “preconceito” seja talvez uma reação da opressão que LGBTs sofrem com discursos

religiosos, até mesmo pelos relatos com os quais me deparei durante a própria pesquisa, entretanto, Simone não sinaliza isso explicitamente. Ela faz referência a “essa perspectiva” de religião que é abordada no canal: a de que LGBTs não estão em pecado, que não há evidências concretas disso na bíblia para aqueles que acreditam nela. Simone afirma então que repensou esse discurso que ela avalia como um “preconceito”, colocando-se em posição de poder sobre suas práticas ideológicas.

Semelhante à Simone, Guilherme se posiciona perante a religião de forma reativa a opressões que ocasionalmente deve ter sofrido por parte desses discursos. No entanto, diferentemente de Simone, Guilherme deixa explícita sua reação de opressão ao difundir discursos de ódio religioso no passado, citando que seu desentendimento com a igreja tem raízes psicológicas de traumas vividos no passado e em família.

*GUILHERME: Vou te confessar uma coisa, já tive ódio pelo catolicismo. Mas Murilo me fez pensar que esse ódio é da mesma natureza que muitas intolerâncias, e que de fato, os católicos são diferentes e plurais. Não achava certo existir LGBTs católicos. Mas eles existem e tem a crença deles e tal. (...) Acho que meu ódio foi mais um reflexo de todo um peso psicológico e familiar que eu tinha.*

O participante começa sua fala sobre o assunto com o descritor metapragmático “confessar”, como se sua prática discursiva relutante a religiões, a qual classifica como “ódio” e “intolerância”, fosse também uma espécie de pecado do qual estaria se livrando. Para o católico, o ato de se confessar envolve o arrependimento de suas atitudes vistas como pecado dentro do discurso religioso. Essa confissão envolve o fiel – que tenta se redimir de suas culpas – e o padre, a quem é conferido o poder de decisão final de absolvição. Assim, quando utiliza o descritor metapragmáticos “confessar”, Guilherme coloca-se em posição de culpa por seus atos passados, conferindo a mim seu momento de revelação de discursos

dos quais se arrepende de propagar e, bem como em uma penitência de confissão, repensa suas atitudes como sinaliza em “Murilo me fez pensar”.

Quando utiliza os descritores metapragmáticos “não achava certo” sobre a existência de LGBTs que fizessem parte da ideologia que lhes condenava, deixa claro que esse foi um discurso desconstruído a partir de vídeos do canal Muro Pequeno.

Outro aspecto importante ressaltado pelos participantes e já discutido no presente trabalho é a questão da negritude no meio LGBT. É interessante perceber nos discursos dos entrevistados seus relatos de empoderamento quanto a sua raça ou a compreensão de identidades raciais diferentes através do contato com discursos que circulam pelo canal Muro Pequeno. Alice é uma das entrevistadas que cita essa compreensão, tanto em outros indivíduos quanto em si mesma.

*ALICE: Eu não tinha tanto conhecimento sobre a realidade dos gays negros, sobre as desconstruções feitas dentro da comunidade lgbt e questões sociais em geral, no grupo isso tudo é discutido e o Murilo fala muito sobre no canal também.*

*(...)*

*Ah, eu só fui me reconhecer negra depois do vídeo dele sobre isso e depois de alguém puxar essa discussão lá no grupo, onde algumas pessoas que estudam sobre o assunto explicaram que ser pardo também é ser negro...*

A participante primeiramente põe em destaque o fato de que não refletia muito sobre a vivência de “gays negros”, fazendo referência a um grupo do qual não faz parte e que é protagonizado por Murilo, dono do canal, e outros tantos seguidores. Fatores que fazem com que esse seja um dos principais tópicos de discussão no grupo do Facebook e nos próprios vídeos que Murilo publica.

Posteriormente afirma, utilizando o descritor metapragmático “só”, que compreendeu sua identidade racial de negra apenas após o contato com o canal e

seus desdobramentos, ficando explícito que anteriormente considerava-se parda e que não se identificava como negra até que pessoas, as quais ela predica como “pessoas que estudam sobre o assunto”, a levaram a reflexões sobre o assunto. Alice confere certo grau de conhecimento de negritude maior às pessoas que estudam o movimento quando utiliza o descritor metapragmático “explicaram”, evidenciando que aprendeu uma lição.

André, ao falar sobre a importância dos meios digitais em seu autoconhecimento e identificação racial, cita um “pertencimento social” que passou a fazer parte de sua vivência de LGBT e negro a partir do contato com as redes sociais virtuais. Pergunto qual é essa importância, como ela ocorre:

*ANDRÉ: Primeiro em me reconhecer como negro e gay, porque saber o que você é uma coisa, reconhecer o seu lugar na sociedade é outra, acho que os meios digitais me trouxeram a noção de que me assumir pro mundo e levantar a bandeira dessas causas sociais era importante pra mim como pessoa e muito mais ainda pro coletivo, me deu uma noção social, um senso de pertencimento, e claro me ajudaram a ver que não havia nada de errado comigo e que não tenho culpa de ser quem sou.*

Em seu discurso, André enfatiza a importância da internet em seu empoderamento, afirmando que reconheceu seu lugar na sociedade porque os meios digitais “trouxeram” e “deram” – descritores metapragmáticos utilizados por ele – uma noção de pertencimento, de local identitário, conferindo aos novos letramentos digitais um papel ativo na compreensão de sua identidade atravessada por discursos e atos performativos de negros e LGBTs.

Guilherme também afirma que conseguiu compreender melhor sua identidade racial a partir de reflexões feitas por Murilo no canal Muro Pequeno.

*GUILHERME: Tive acesso a uma extensa informação, li e ouvi relatos de histórias, me ajudou a compreender. No sentido racial foi mais lento. Acho*

*que foi Murilo que deu uma clareada maior no meu auto reconhecimento como pessoa negra.*

Ao relatar seu contato com a internet e com os meios digitais, Guilherme predica esse processo como de “extensa informação”, reiterando o que afirma em diversos momentos de seu discurso: os novos letramentos digitais são essenciais na sua construção e compreensão de uma identidade homossexual e negra. No que se refere ao canal Muro Pequeno, utilizando o descritor metapragmático “deu” em “deu uma clareada”, Guilherme deposita nos discursos do Murilo a credibilidade que necessitava para se autocompreender.

Paulo não cita explicitamente o canal Muro Pequeno em seu entendimento como homem negro, mas afirma, ainda assim, que ocorreu pelo contato com a internet.

*PAULO: Eu fui entender que eu sou negro na internet, fui aprender sobre sexualidade na internet porque na escola a gente aprende o que é camisinha e olha lá, não aprendemos sobre sexualidade, desconstruir muitos preconceitos contra pobre, contra negro, contra gays afeminados.  
(...)*

*PESQUISADORA: E a internet e os meios digitais tiveram algum papel no seu autoconhecimento? Ajudaram na construção ou desconstrução da sua identidade?*

*PAULO: Ajudaram sim, eu consegui me identificar com quem eu sou, o que eu sou e quem sou no meio da sociedade, e o que isso significa. Consegui entender que venho de uma estrutura racista que resulta em minha família, um lado brancos paranaenses, do outro negros com religiões de matrizes africanas, e o que isso deu origem a entender a minha sexualidade e até mesmo buscar a minha história, histórias de antepassados que não são ensinadas na escola, e desconstruir a ideia que negro e gays não foram importantes ou fizeram coisas importantes no mundo.*

Ao fazer referência à escola logo após explicitar seus conhecimentos adquiridos na internet, Paulo considera que o que aprendeu sobre minorias sociais e sexualidade por sua própria conta na internet deveria ser aprendido na escola. Ao utilizar os descritores metapragmáticos “fui aprender” e “porque na escola”, demonstra o poder do conhecimento que os novos letramentos digitais detêm através do que propõe a Web 2.0: na troca de saberes e informações constantemente coletiva. Essa comparação segue quando toma uma atitude ativa no discurso e afirma que, através dos meios digitais, foi “buscar” sua história e de seus antepassados.

Simone também cita a falta de informação sobre minorias sociais - especialmente LGBTs – que sentiu durante sua vida escolar e acrescenta a isso também o meio familiar.

*SIMONE: Eu era bem ignorante quanto a esse tipo de coisa antes de começar a me envolver com grupos mais diversos justamente na internet. Como disse antes foi até por isso que comecei a me questionar e tal. A internet foi a minha principal fonte de informação sobre esses assuntos, já que não é tão discutido em outras mídias e não era algo discutido pelas pessoas com quem eu andava ou na escola.*

A participante se auto predica como “ignorante” antes de entrar em contato com os meios digitais. Ao utilizar o descritor metapragmático “já que” quando afirma que questões de gênero e sexualidade não são discutidas em sala de aula, Simone deposita na referida instituição certa obrigação de fornecer informação, esteja ela dentro da normatividade ou não. Como consequência, demonstra que seu empoderamento se deu totalmente por conta da internet, predicando-a como sua “principal fonte de informação”.

Por fim, pergunto aos participantes de que forma os meios digitais podem promover o empoderamento de suas identidades sexuais e de raça não hegemônicas. Aqui não analiso pistas indexicais específicas do discurso, mas trago os discursos como um encerramento do capítulo. São semelhantes entre si, trazem

marcas da importância dos novos letramentos digitais como impulsionadores do empoderamento de pessoas LGBT:

*ALICE: Na minha opinião a internet é o maior meio de conscientização que existe, é onde podemos encontrar diversidade com suas vozes sendo ouvidas, onde você pode ajudar e ser ajudado por pessoas com vivências iguais ou não as suas...isso é muito importante no nosso meio.*

*ANDRÉ: Acho que o discurso nesses meios tem o poder de chegar mais rápido e mais longe, e que dá informação pra pessoas que de outra forma não conseguiriam ter contato com esse tipo de conteúdo.*

*GUILHERME: Acredito que a internet é uma grande ferramenta. Ela ajuda a pessoa a obter informações e vivências, e isso fortalece a mente das pessoas.*

*JOÃO: Através deles ganhamos mais confiança e nos entendemos melhor para lidar com as questões envolvendo nossa sexualidade e comportamento. Os meios digitais são sem dúvida uma ferramenta maravilhosa de empoderamento e conhecimento. Todo dia aprendo muito sobre todos os LGBT's com a Internet e quebro meus conceitos formados. Ganho força das pessoas presentes na Internet e tenho certeza que ajudo também quando posso de alguma forma.*

*PAULO: Com certeza, ele chega onde muitas pessoas não tem acesso a informações, eu por exemplo tudo que conheço hoje veio dos meios digitais, de história, de empoderamento, de quebrar preconceitos, literalmente tudo. O quão poderoso isso pode ser né...parando pra pensar, mudou totalmente minha vida, me tirou da solidão.*

*SIMONE: Acho que através do alcance e da visibilidade que ela proporciona, torna possível compartilhar projetos, espalhar o movimento, da espaço pra pessoas que querem gerar discussões sobre o tema.*

O empoderamento através dos novos letramentos digitais é explícito nas narrativas dos participantes entrevistados. Pode-se perceber que todos eles têm consciência desse processo e de como ele ocorre de maneira geral e individual. A partir de seus discursos e relatos, fica evidente que esse empoderamento se dá através do acesso às informações, que são colaborativamente construídas e, mais ainda, da troca constante de experiências e de apoio que minorias sociais encontram nos meios digitais através das redes sociais virtuais. Esses fatores são disponibilizados na segunda e terceira gerações da Web que, em um entrecruzamento, possibilitam a emancipação de indivíduos socialmente marginalizados

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao crescer na era do desenvolvimento digital e com uma situação financeira razoável e privilegiada que me permitiu acompanhar as novas tecnologias desde 1997 – ano em que ganhei meu primeiro computador desktop -, tive contato permanente com computadores, notebooks, celulares, smartphones e os letramentos advindos dessas ferramentas tecnológicas. Meu acesso à internet também ocorreu desde cedo, sendo assim, tenho acompanhado a evolução dos novos letramentos digitais da Web 1.0 a indícios da Web 3.0 que se instala no nosso cotidiano. Considerando a visão de O'Reilly (2005) sobre a Web 2.0, posso dizer que talvez seja a geração da internet que mais tenha me instigado a fazer essa pesquisa, pois nela temos essa constante troca para (des)construção de conteúdos e conceitos. A experiência cibernética não é mais individual, mesmo que fisicamente o usuário faça uso sozinho de um dispositivo móvel ou qualquer outra ferramenta que lhe dê acesso ao online.

Essa (des)construção coletiva dá espaço aos movimentos sociais que desde sempre constroem e desconstróem conceitos e ideologias através da coletividade, da troca entre indivíduos e do debate político entre eles. O online passa a ser não apenas mais um local de militância para esses grupos, mas o principal meio de comunicação e luta de diversas minorias sociais que se conectam independentemente do local físico onde se encontram.

Pesquisas sobre minorias sociais em conexão online têm sido feitas por diversos autores da área da Linguística Aplicada como Moita Lopes (2010, 2014), Melo e Moita Lopes (2013) e Melo (2014). Entretanto, ao fazer parte de movimentos de militância que ocupam espaços online, percebia que os meios digitais propiciavam certo empoderamento a esses indivíduos, incluindo-me nesse processo, pois, muito do meu conhecimento e reflexão sobre lutas das quais faço parte e apoio vem do contato direto com a internet. Porém, Intrigava-me de forma específica de que maneira esse empoderamento de minorias sociais ocorria com os novos letramentos digitais propiciando essa militância online.

Defini inicialmente dois grupos específicos de militância dos quais faço parte ativamente, os movimentos feminista e LGBT. Para essa análise, escolhi duas redes sociais virtuais que me contemplam na militância virtual: YouTube e Facebook. Assim, dos canais do YouTube que acompanhava, tentei definir um que considerasse focado nessas temáticas. E, ao final, acabei observando e analisando o canal Muro Pequeno, com o qual não havia entrado em contato até o momento em que minha orientadora me sugeriu como possível objeto de pesquisa.

Sendo a proposta inicial a de compreender o empoderamento de mulheres feministas e indivíduos LGBTs, meu olhar de pesquisadora se manteve atento apenas nesses fatores sociais que definem minorias. Dessa forma, a observação do canal no YouTube e do grupo do Facebook se deram a partir desse objetivo. As entrevistas também seguiriam esse propósito, sendo assim, montei um roteiro não fixo com perguntas que abordassem além do movimento LGBT, também o feminismo. Entretanto, no percurso desse trabalho, pude perceber que, no canal do YouTube em questão, a prática feminista não se projetava de forma focalizada, mas como um segundo plano em algumas discussões ora levantadas pelo autor do canal, ora levantadas por seguidores. Assim sendo, o empoderamento feminista acaba deixando de ser nosso foco de estudo. Em contrapartida, surge uma nova perspectiva a ser analisada a partir de observações de narrativas dos participantes: a negritude dentro do movimento LGBT. Conseqüentemente, além de analisarmos o empoderamento de LGBTs nos novos letramentos digitais, acabamos refletindo brevemente também sobre o movimento negro e suas demandas dentro do movimento LGBT.

Modificando os rumos da pesquisa, o problema de pesquisa se adaptou, sendo agora nossa pergunta principal a ser respondida “de que forma os novos letramentos digitais promovem o empoderamento de LGBTs?” e levando-se em conta os atravessamentos de raça que emergem na tentativa de resposta dessa pergunta. Após observações etnográficas e análises de narrativas de seguidores do canal Muro Pequeno, pode-se perceber que a resposta para essa pergunta está intrinsecamente ligada às motivações que me trouxeram até aqui. O empoderamento de LGBTs através dos novos letramentos digitais se dá pelos desdobramentos da Web 2.0 e 3.0 que, com a mobilidade e a coletividade, possibilitam cada vez mais o acesso à informação e à comunicação entre indivíduos estejam onde estiverem.

A popularização da internet e dos meios digitais tem papel muito importante nesse processo de empoderamento, visto que, muitas vezes, o acesso a certas informações só ocorre no meio virtual – considerando a falta de discussão sobre minorias relatada por alguns participantes, e até a dificuldade de acesso à escola e outros meios formais de informação. Os novos letramentos digitais possibilitam o empoderamento através de discussões, (des)construções de conceito e redes de apoio que se formam em redes sociais virtuais. É pelo contato com diferentes realidades, vivências e concepções que os indivíduos têm tomado consciência de suas identidades sexuais, de gênero e de raça e têm compreendido sua importância e seu pertencimento social, bem como os entrevistados explicitam em seus discursos sobre seu empoderamento.

Como rastros da pesquisa ficam as inquietações para que cada vez mais se faça política nos meios digitais e se utilize as novas tecnologias em favor das minorias sociais e de tantas desigualdades que vivemos em nossa atual conjuntura. Os novos letramentos digitais estão promovendo união entre indivíduos oprimidos por determinados discursos, e essa união cria o apoio e o debate que gera o empoderamento. Esse ciclo não pode parar. Pessoalmente, ficam em mim as marcas de cada indivíduo com quem me relacionei durante esse processo longo da pesquisa. Sinto que mudamos todos a cada vez que trocamos ideias e coletivamente (des)construímos discursos e conceitos. Minha (des)construção é permanente, bem como minha militância por uma sociedade em que lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, negros, pobres, mulheres e toda e qualquer minoria social se emancipe de discursos opressores e se empodere, tomando seu espaço de direito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação*. Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013

BAUMAN, Richard. *A poética do mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba*. Antropologia em primeira mão, 103. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2008.

BOHN, Hilário I. *Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas*. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift Para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'*. New York: Routledge, 1993

\_\_\_\_\_. (1990) *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FABRÍCIO, Branca Falabella. *A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico*. In: MOITA LOPES. (Org.) *O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”*. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. *De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento lgbt brasileiro*. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, nº 3, p. 54-81. 2009.

FIALHO, Fabrício Mendes. 2006. *Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica*. (Working Papers) 14 p. in: [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006\\_9.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf) (Acesso em 06/05/2016).

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. (1979) *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

FREITAS, Letícia F. R. *Posicionamentos Interacionais em Pequenas Histórias Contadas por um Universitário Migrante: Performances de Masculinidade Heterossexual*. Fórum Linguístico (Online), 2017. (no prelo)

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; (Org). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação e Realidade*. v. 22, n. 02, jul/dez 1997, p. 15-46.

\_\_\_\_\_. *Quem precisa de identidade?* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. *Empoderamento: definições e aplicações*. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais/ANPOCS, 2006, Caxambú MG.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang Publishing, Inc, 2007.

LEMKE, J. L. (1998). *Metamedia literacy: transforming meanings and media*. In D. Reinking; L. Labbo; M. McKenna; R. Kiefer (Org.). *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. pp. 283-301.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000. p. 7-34

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento"* IN: Alfa: Revista de Linguística. Universidade Estadual Paulista. – Vol. 58. – São Paulo : UNESP, 2014. p. 541-569.

MELO, Glenda Cristina Valim; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut*. D.E.L.T.A., 29:2, p 237 - 265, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero*. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2010, vol.49, n.2, pp. 393-417. ISSN 0103-1813. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132010000200006>.

\_\_\_\_\_. *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift Para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013a.

\_\_\_\_\_. (Org.) *O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013b.

\_\_\_\_\_. A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento". *Alfa*, São Paulo, 58 (3). P. 541-569, 2014.

MURUGESAN, San. *Handbook of research on Web 2.0, 3.0 and X.0: technologies, business and social applications*. USA: Information Science Reference, 2010.

O'REILLY, Tim. *What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Publishing, 2005.

PENNYCOOK, Alastair. *Uma Linguística Aplicada Transgressiva*. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Londres e Nova York, Routledge, 2007.

POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. *Esferas*, ano 2, nº 3, 2013.

REBS, Rebeca. *Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica*. *Comunicologia*, n. 8, 1o sem. 2011.

SANDRINI, Míriam Saraiva. *Aluno, Professor e Pibidiano: identidades docentes construídas a partir de posicionamentos interacionais em performances narrativas*. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2016.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, T. P. da. *Performances narrativas de e sobre um professor homoerótico "fora do armário"*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SMITH, Malinda S.; JAFER, Fatima. *Beyond the Queer Alphabet: Conversations on Gender, Sexuality and Intersectionality*. Amazon.com [https://the-menace.s3.amazonaws.com/uploads/Beyond\\_the\\_Queer\\_Alphabet\\_20March2012-F.pdf](https://the-menace.s3.amazonaws.com/uploads/Beyond_the_Queer_Alphabet_20March2012-F.pdf) . 2012. PDF e-book.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000. p. 35-82.

WORTHAM, Stanton. *Narratives in action: a strategy for research and analysis*. New York: Teachers College Press. 2001.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO



### TERMO DE CONSENTIMENTO

Pesquisador: Aline de Lima Bazerque

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Prezado(a) participante,

O objetivo dessa pesquisa é o de compreender de que forma ocorre o empoderamento de minorias sociais através dos novos letramentos digitais. Sua forma de participação consiste em conceder entrevistas narrativas. Seu nome não será utilizado na pesquisa, sendo sua participação anônima; você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

É assegurado que sua participação não é obrigatória, entretanto ela é de extrema importância para a realização dessa pesquisa. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos, entre em contato com pesquisadora Aline de Lima Bazerque através do e-mail [alinedelimabazerque@gmail.com](mailto:alinedelimabazerque@gmail.com).

Eu, (nome do participante), li e compreendi o presente termo de consentimento, portanto, desejo dar minha contribuição voluntária como participante nesta pesquisa através da permissão do uso de minhas narrativas neste estudo.

(cidade), (dia) de(mês) de 2017.

---

Assinatura do participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO



TERMO DE CONSENTIMENTO

Pesquisador: Aline de Lima Bazerque

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Prezado(a) Murilo Silva de Araújo,

O objetivo dessa pesquisa é o de compreender de que forma ocorre o empoderamento de minorias sociais através dos novos letramentos digitais. Sua forma de participação consiste em dar-nos permissão para analisar seu canal no YouTube e seu grupo do Facebook, bem como suas repercussões. Você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

É assegurado que sua participação não é obrigatória, entretanto ela é de extrema importância para a realização dessa pesquisa. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos, entre em contato com pesquisadora Aline de Lima Bazerque através do e-mail [alinedelimabazerque@gmail.com](mailto:alinedelimabazerque@gmail.com).

Eu, (nome), li e compreendi o presente termo de consentimento, portanto, permito a utilização do canal “Muro Pequeno” e do grupo “Tijolinhos do Muro Pequeno” no Facebook nesta pesquisa.

(cidade), (dia) de(mês) de 2017.

---

Assinatura

## **Lista de tópicos utilizados como base para as entrevistas**

### Perguntas específicas para Pessoas Cis - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Panssexuais, etc.

Como foi o processo de descoberta e compreensão de sua orientação sexual não normativa?

A partir de que idade sentiu os primeiros questionamentos quanto a isso?

Como foram suas experiências na escola? (Que dificuldades encontrou?)

E com a família? (Quais foram as dificuldades?)

Com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

Quais redes sociais digitais você mais utiliza?

Como conheceu o canal Muro Pequeno?

Com que frequência acessa os vídeos do canal?

Quais são os seus vídeos preferidos? Por que?

Participa ativamente das discussões do grupo no Facebook? De que forma?

Algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno lhe fizeram repensar algum discurso?

A internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero? Qual foi esse papel?

A internet e os meios digitais tiveram algum papel no seu autoconhecimento? Qual foi esse papel?

Como o canal Muro Pequeno e o grupo do canal tiveram impacto na sua vivência LGBT diária?

Que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT/feminista você acessa?

Em sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs? De que forma?

### Perguntas específicas para mulheres sobre o feminismo

Possui vertente? Qual?

Como você se descobriu feminista? Como foi esse processo? Desde quando você se considera feminista?

Como você percebe a luta feminista dentro do movimento LGBT?

Em sua opinião, como o canal Muro Pequeno contribui para a luta feminista?

A internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua vivência feminista? Que papel foi esse?

Em sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de mulheres? De que forma?

## **Narrativas utilizadas em versão integral**

### **Narrativa da Alice**

PESQUISADORA: Participante Alice, 16 anos, mulher cisgênero, negra e bissexual participante do movimento feminista. Como foi o processo de descoberta e compreensão da sua orientação sexual não normativa?

ALICE: Na minha família nunca fomos de ter religião, todos se consideravam católicos mas não frequentavam a igreja, nem liam a bíblia, então eu cresci sem conhecimento algum. Ficava com meninos e meninas, mas nunca usei rótulos, quando fiz 13 anos me converti na Igreja Evangélica por escolha mesmo e comecei a negar essa minha sexualidade, fiz isso por 2 anos e meio.

PESQUISADORA: Foi um processo contrário do usual né... E como que você saiu desse processo de negação dentro da igreja?

ALICE: Eu já havia me afastado da igreja antes de me apaixonar por uma garota (minha atual namorada) e pouco antes de me apaixonar por ela, eu fui adquirindo conhecimento sobre os movimentos sociais, sobre política e isso mudou totalmente a forma como eu via as coisas, de repente eu não me encaixava mais nas normas da igreja, no conservadorismo e comecei a perceber que era um lugar opressor pra quem não era hetero, quando conheci minha namorada, no começo eu fiquei bem confusa, porque nunca havia me apaixonado por uma garota, mas disse pra mim mesma que não poderia sentar na igreja e fingir que isso não ta acontecendo, fingir que não gosto dela e que não sou assim, então eu saí de vez.

PESQUISADORA: Sim. E como foram/são suas experiências na escola? Encontrou alguma dificuldade por ser bissexual?

ALICE: Então, muita. Eu conheci ela na escola, e quando começamos a namorar era inevitável não trocar carinhos, não olhar de um jeito diferente pra quem você ama e isso não foi bem aceito pelos diretores e funcionários da escola, fomos alvo e ainda somos de muito preconceito, acho que dos alunos nem tanto, porque a escola é formada por lgbt também (mesmo que minoria) claro que comentam, olham estranho, fazem piadas, mas nada que tenham nos afetados...A supervisora que toma conta de tudo lá, já gritou com a gente falando que era falta de respeito

estarmos juntas, disse que iria dar suspensão e chamar meus pais, um dos funcionários vive falando "menos vocês duas" quando estamos apenas conversando e rindo, fala que é falta de respeito e alguns professores apenas fingem que não existimos.

PESQUISADORA: E com a família? Teve alguma dificuldade?

ALICE: Aqui em casa somos eu, minha mãe e meu irmão. Ele tem 14 anos e é bolsominion então nem ligo pra opinião dele, ja minha mãe, veio de uma criação machista e preconceituosa (por conta dos meus avós) então no começo ela não aceitou bem, ela acha que é fase, que fizeram minha cabeça, mas no dia a dia ela vem desconstruindo muita coisa, e aceitando melhor. O resto da família, tem a mente muito pequena, então minha mãe fica com medo da reação deles e por isso não me assumi pra eles ainda, mas também não convivemos tanto.

PESQUISADORA: Quanto à sua cor, você acha que enfrenta algum preconceito a mais por ser bissexual e negra?

ALICE: Não, porque sou uma negra de pele mais clara e eu reconheço que tenho privilegio sobre uma negra de pele mais escura, tem gente que nem me considera negra, "morena, parda e até mulatinha" eles me dizem.. eu sofro mais preconceito com meu cabelo cacheado (agora alisado mas passando por transição) do que pela minha cor.

PESQUISADORA: Em relação à internet, com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

ALICE: Ganhei meu primeiro computador com 12 anos

PESQUISADORA: Ah, e quais sites ou redes sociais você acessava na época?

ALICE: Facebook e YouTube. Depois comecei a assistir series também.

PESQUISADORA: Hoje em dia segue sendo YouTube e Facebook?

ALICE: Sim, netflix também hahaha

PESQUISADORA: Como você conheceu o canal Muro Pequeno?

ALICE: Apareceu nos recomendados um vídeo dele que chama "Branco demais pra ser Negro e negro demais pra ser Branco" se eu não engano Eu já amei, então assisti os outros vídeos e fiquei apaixonada com ele.

PESQUISADORA: Você tem algum vídeo preferido no canal?

ALICE: Sim, o vídeo que se chama "O que a bíblia (não) diz sobre a homossexualidade" quando eu me afastei da igreja e comecei a me aceitar, eu tive muita dificuldade porque gostava muito da igreja e de ter um relacionamento com Deus, e o Murilo falou tudo que eu precisava pra não parar de acreditar que Deus me amava e me aceitava do meu jeito...Os dois vídeos que ele fez com o a Jéssica do Canal das bee sobre isso, também.

PESQUISADORA: Ah, sim. Em relação ao grupo no facebook, você acha que ele ajuda em alguma desconstrução?

ALICE: Sim, acho que todas as discussões são feitas de um jeito bem saudável, todo mundo mostra seu ponto de vista de uma forma não violenta e ajudam uns aos outros, sem falar que é bem diverso, isso é ótimo.

PESQUISADORA: E você acha que algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno lhe fizeram repensar algum discurso? Como desconstruir algum paradigma que ainda restava?

ALICE: Com certeza... Eu não tinha tanto conhecimento sobre a realidade dos gays negros, sobre as desconstruções feitas dentro da comunidade lgbt e questões sociais em geral, no grupo isso tudo é discutido e o Murilo fala muito sobre no canal também.

PESQUISADORA: A internet e os meios digitais em geral tiveram papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

ALICE: Sim, a internet é diversa e poder ver cada pessoa falando sobre vivência, eu não veria ou conheceria em outro lugar, de uma forma tão clara.

PESQUISADORA: E no seu autoconhecimento? Qual foi o papel da internet e das redes sociais digitais na construção ou desconstrução da sua identidade?

ALICE: Minha identidade de gênero? A Internet me ajudou a entender melhor sobre, eu nem sabia que o termo "cisgênero" existia...

PESQUISADORA: Ah sim. E na sua identidade no geral, de gênero, de cor, de sexualidade?

ALICE: Ah, eu só fui me reconhecer negra depois do vídeo dele sobre isso e depois de alguém puxar essa discussão lá no grupo, onde algumas pessoas que estudam sobre o assunto explicaram que ser pardo também é ser negro... Minha sexualidade sempre foi algo muito natural pra mim, mas quando fui pra igreja e vi o que falavam sobre ou como tratavam as pessoas não normativas, foi como se a internet tivesse me abraçado e falado "ta tudo bem, não é isso tudo que falam" hahaha e ainda dizem que textão de facebook não ajuda né?

PESQUISADORA: ah, pois é, minha pesquisa é justamente pra entender como acontece essa "ajuda". E que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT/feminista você acessa?

ALICE: Canal das bee, mimil, ta querida, fotografando à mesa, neggata, preta que pariu, contra regra, Gleici Duarte, JoutJout, Afro e Afins, Ellora Haonne, Jana Viscardi, Louie Ponto, Marias do Brejo.

PESQUISADORA: Tem uns que eu não conheço, vou procurar.

ALICE: Alguns são canais pequenos que conheci a pouco tempo, mas são maravilhosos, olha sim

PESQUISADORA: E na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

ALICE: Com certeza. Na minha opinião a internet é o maior meio de conscientização que existe, é onde podemos encontrar diversidade com suas vozes sendo ouvidas, onde você pode ajudar e ser ajudado por pessoas com vivências iguais ou não as suas...isso é muito importante no nosso meio.

PESQUISADORA: Quanto ao feminismo, você faz parte de alguma vertente?

ALICE: Não...Eu sei que o feminismo tem algumas vertentes mas ainda estou estudando sobre elas.

PESQUISADORA: Como você se descobriu feminista? Como foi esse processo?

ALICE: Com 13 anos vivenciei um relacionamento abusivo (ele era mais velho). Com 15 anos fui abusada sexualmente de outro namorado e achava que aquilo tudo era normal, até a internet me mostrar que não, que não temos que aceitar isso, que temos que lutar contra essa cultura machista, ainda assim demorou um tempo pra que eu vestisse a camisa feminista, eu preferia não usar rótulos.

PESQUISADORA: Você começou a se considerar feminista recentemente então?

ALICE: No começo desse ano. Fui adquirindo conhecimento ano passado, depois do abuso...sinto muito que tenhamos que passar por coisas desse tipo.

PESQUISADORA: É, não é fácil ser mulher nessa nossa sociedade. E como você percebe a luta feminista dentro do movimento LGBT?

ALICE: Mulheres lésbicas/bi precisam se posicionar como feministas dentro do movimento lgbt, muitos gays acham que por eles serem oprimidos eles não podem se tornar opressores e isso não é bem verdade, eu mesmo conheço um, que é machista, que fala mal de vagina e não acredita que bissexuais existem, é bem triste.

PESQUISADORA: Na sua opinião, como o canal Muro Pequeno contribui para a luta feminista?

ALICE: Acredito que sim, não diretamente, mas por essa questão de emponderamento que ele traz pro canal dele, sobre respeitar as pessoas e reconhecer privilégios.

PESQUISADORA: Sim, e na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de mulheres?

ALICE: Com certeza.

PESQUISADORA: De que forma?

ALICE: Conscientização, mostrar para as mulheres que não precisa existir rivalidade feminina e sim que apoiamos umas as outras, mostrando o emponderamento, ajudando a se livrar de relacionamentos abusivos e dizendo que ela não está sozinha, o meio digital nos proporciona muito isso, nos dá a oportunidade de mostrar isso para mulheres de todo o canto do país e do mundo até. Torna nossa luta contra o machismo muito mais ampla no mundo todo.

## Narrativa do André

PESQUISADORA: Participante André, 24 anos, homem negro cisgênero e homossexual. Você faz parte ou é militante de algum movimento social? Seja pela internet ou em grupos presenciais.

ANDRÉ: Não participo ativamente de nenhum grupo oficial, estudo pautas do movimento lgbt e do movimento negro por conta, mas não tô afiliado a nenhum, é aquela dificuldade de encontrar um movimento que me contemple como negro e como LGBT.

PESQUISADORA: Ah sim, você sente mais dificuldades nos movimentos por ser gay e negro? De que forma isso acontece?

ANDRÉ: É difícil separar as duas coisas porque é como se ser negro + gay fosse uma combinação pior do que ser apenas negro ou apenas gay, eu sofro racismo da sociedade e dentro do movimento lgbt e sofro por homofobia na sociedade e dentro do movimento negro, ouço frases do tipo: "não basta ser preto ainda tem que ser gay", então é outra realidade. E o racismo nem sempre é ser chamado de macaco sabe, tem a objetificação, o feitichismo, a negação a afetividade, a invisibilidade, são coisas cotidianas.

PESQUISADORA: É, eu tenho lido muito isso nas entrevistas. E como foi o seu processo de descoberta e compreensão da sua orientação sexual não normativa?

ANDRÉ: Eu venho de família religiosa, meus pais são Testemunhas de Jeová e faz pouquíssimo tempo que abandonei a religião. E os tjs vivem cmo se fosse numa bola, completamente separado de qualquer influência da sociedade, então eu nunca tive contato com nada do universo lgbt, sempre achei que eu era diferente mas não entendia o pq, achava que tinha admiração por garotos e que isso passaria, o sofrimento maior foi não saber o que e pq eu sentia essas coisas, depois que saí de casa, comecei a pesquisar na Internet sobre esses assuntos, e descobri que o que eu "sentia" era ser gay. Foi um alívio pq vi que era algo normal, então foi fácil de aceitar. O sofrimento maior foi conviver mais de vinte anos com isso sem saber o que era, depois de entender o que se passava comigo foi muito fácil aceitar e amar tudo isso rs.

PESQUISADORA: Então sua auto descoberta e compreensão ocorreram na vida adulta mesmo?

ANDRÉ: Sim, na vida adulta por meio de pesquisa pessoal, canais no YouTube e páginas lgbs na net. Acredito que se esse conteúdo me fosse apresentado mais cedo eu teria me poupado de muito sofrimento.

PESQUISADORA: Ah, entendo. E como foram suas experiências na escola? Teve alguma dificuldade por não se encaixar nos padrões?

ANDRÉ: Quando era mais novo até a 3ª série, você não tem muitas amarras, então eu recebia apelidos como vera verão (o único referencial gay + negro na época) e me divertia com isso, apesar de não entender o pq as pessoas me ligavam à personagem kkkkk Daí vem as amarras que a família vai impondo e por conta disso fiquei bem mais reservado, não tinha muitos amigos, não participava das ditas atividade "para meninos", gostava mais da companhia das meninas e daí vem o bullying nosso de cada dia. Mas era aquela coisa: em casa eu não podia contar que sofria bullying na escola, pra não gerar desconfiança que achavam que eu era gay, então fica sendo uma batalha solitária, a gente aprende a se virar sozinho e a tentar rir de tudo pra não surtar.

PESQUISADORA: Aah, você teve dificuldades com a família também então, como foi esse processo em casa?

ANDRÉ: Em casa eu sempre fui corrigido a me "portar como homem", sempre levando correções pra postura, gestos, modo de sentar, daí tu chega num ponto que percebe que é melhor se adaptar pra não sofrer, minha família de certo modo acreditou que eu era hetero então tive uma convivência extremamente pacífica com eles, até sair de casa, fui morar só e me assumi pra eles, foi bem tenso, eles não reagiram bem e hoje não falam mais comigo (por conta de princípios religiosos).

PESQUISADORA: Nossa, bastante complicado. E com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

ANDRÉ: Acho que tenha sido por volta dos 19 anos mais ou menos, primeiro celular com acesso a Internet.

PESQUISADORA: Quais redes sociais digitais você mais utiliza?

ANDRÉ: Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat e YouTube.

PESQUISADORA: Como você conheceu o canal Muro Pequeno?

ANDRÉ: Sugestão do YouTube, tava vendo vídeos sobre apropriação cultural.

PESQUISADORA: E com que frequência acessa os vídeos do canal?

ANDRÉ: Vejo todos assim que sai kk toda semana basicamente

PESQUISADORA: Você tem algum vídeo preferido?

ANDRÉ: Nossa kkkk Vários. Sobre apropriação, sobre ser lgbt e cristão, sobre relacionamento, enfim kk

PESQUISADORA: Quanto ao grupo no facebook, você participa ativamente?

ANDRÉ: Já fui mais ativo lá, agora só dou uma olhada as vezes, participo mais de um grupo no whatsapp que saiu de lá.

PESQUISADORA: Ah, interessante, ninguém tinha citado esse grupo ainda. E o grupo no facebook, você considera um lugar importante de desconstrução e discussão? E se puder falar um pouquinho mais desse grupo do whatsapp, se é pra discussões ou é pra aproximar mais os seguidores do canal...

ANDRÉ: Acho sim, lá as pessoas abordam visões diferentes de vários assuntos sempre de forma respeitosa, sinto que é um ambiente seguro pra informação rolar. A princípio o grupo no whatsapp era pra discussões, mas parece que o pessoal já zerou os temas kkkk então acaba que serviu sim pra conhecer pessoas e fazer amigos, a galera se ajuda, aconselha, debate, é muito amorzinho.

PESQUISADORA: Sim, que ótimo! Tem algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno que fizeram você repensar algum discurso? Por exemplo desconstruir algum paradigma que ainda existia.

ANDRÉ: Poxa deixa eu ver...Eu acho que a questão de ser lgbt e cristão, pra mim não funcionou muito e a gente acaba achando impossível fazer os dois, e taxando quem tenta fazer de alienado e tals, o discurso do Murilo me fez perceber que dá pra fazer da religião um lugar de militância tbm, e que a gente não precisa abrir mão da fé pra ser a gente mesmo.

PESQUISADORA: Que bom que ele tá possibilitando essas reflexões, parecem ser bem importantes a partir dos discursos com os quais tenho entrado em contato.

ANDRÉ: É sim, querendo ou não religião também é política, e no nosso estado laico elas ainda movem massas, é um lugar importante pra debates sociais.

PESQUISADORA: Você acha que a internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

ANDRÉ: Muito. Pela Internet que foi possível descobrir não só questões de sexualidade como de gênero também, aprender que existe essa grande variedade, de que forma ela se dá, e acima de tudo a respeitar.

PESQUISADORA: E no seu autoconhecimento, você falou que a internet e os meios digitais tiveram um papel importante, que papel foi esse?

ANDRÉ: Primeiro em me reconhecer como negro e gay, porque saber o que você é é uma coisa, reconhecer o seu lugar na sociedade é outra, acho que os meios digitais me trouxeram a noção de que me assumir pro mundo e levantar a bandeira dessas causas sociais era importante pra mim como pessoa e muito mais ainda pro coletivo, me deu uma noção social, um senso de pertencimento, e claro me ajudaram a ver que não havia nada de errado comigo e que não tenho culpa de ser quem sou.

PESQUISADORA: E como o canal Muro Pequeno e o grupo do canal tiveram impacto na sua vivência LGBT diária?

ANDRÉ: Além da consciência política, poder militar nos espaços do meu convívio diário, combater discursos preconceituosos e ter mais empatia com as pessoas.

PESQUISADORA: Que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT você acessa?

ANDRÉ: Canal das bee, Lorelay fox, Luba, Marias do brejo, Afrontey.

PESQUISADORA: Pra finalizar, na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

ANDRÉ: Sim, acho que o discurso nesses meios tem o poder de chegar mais rápido e mais longe, e que dá informação pra pessoas que de outra forma não conseguiriam ter contato com esse tipo de conteúdo.

## Narrativa do Guilherme

PESQUISADORA: Qual sua idade, identidade de gênero e orientação sexual?

GUILHERME: Tenho 23 anos. Sou um homem cis. E sobre minha orientação sexual... eu como Guilherme, ser independente da sociedade brasileira me reconheço como não rotulado. Não gosto de rotular meus desejos e meus sentimentos, mas perante a uma obrigação social, em casos que eu tenho que debater e biologicamente falando ou sou homossexual flexível ou polisssexual.

PESQUISADORA: Tá certo. E quanto a movimentos sociais, é militante ou faz parte de algum movimento?

GUILHERME: Não sou um militante, mas apoio alguns movimentos, minimamente...Qualquer movimento que busque por direitos e que lute contra qualquer discriminação ou intolerância. Sou minimamente ativo nos movimentos por conta da minha condição social, sou dependente financeiro e desempregado.

PESQUISADORA: Entendo. E quanto à sua cor, como você se identifica?

GUILHERME: Sou negro. Apenas.

PESQUISADORA: Como foi o seu processo de descoberta e compreensão de sua orientação sexual não normativa?

GUILHERME: Foi doloroso, no começo foi muito pior. Acho que me descobri com 13 anos. Antes disso só tive apaixonites por algumas meninas. Um dia... No recreio...Vi dois meninos brigando, da minha estatura em idade d gostei de ve-los... algo semelhante a UFC.

PESQUISADORA: Essa experiência foi aos 13 anos?

GUILHERME: Sim, mas não tinha consciência disso. Eu quis lutar, sentir, achava que só queria lutar. E também teve um garoto do ensino médio que achei que quis apenas amizade, mas era tudo muito superficial. Aos 14, foi aí que tomei consciência. Estava junto com outros garotos, era um momento raro porque naquela época eu ainda era antissocial e sem querer acabei deduzindo em voz alta...E isso foi uma bomba, a escola inteira soube e começaram a me tratar diferente, como se tivessem prazer em me torturar. Minha mãe soube, minha família me esfaqueou psicologicamente dizendo que isso não era natural, que era pecado e eu acreditei.

PESQUISADORA: Eu já ia perguntar isso mesmo, como foi essa tua vivência LGBT na escola e na família?

GUILHERME: Sim, minha família, eles são Católicos. Sofri bullying psicológico na escola, tive apenas uma amiga no ensino médio. Ela foi uma das poucas coisas boas daquela época. Eu fiz muita besteira, eu tinha nenhuma orientação, eu estava literalmente perdido. Meu primeiro amor recíproco foi virtual e teve uma época...que tive pensamentos suicidas constantes. Acordava na madrugada, ia pra cozinha, e analisava facas, não sei bem como meus pensamentos mudaram, talvez foi a arte. E os meus professores. E acabei tendo um amor maior pela vida.

PESQUISADORA: Ah, seus professores ajudaram de alguma forma?

GUILHERME: Sim. Praticamente eles aconselhavam. Tive um professor de história que fazia discursos sociais interessantes, meu professor de filosofia e sociologia me ajudou muito também, era outro com palavras profundas, cogitei até cursar filosofia...Enfim.

PESQUISADORA: Que bom saber disso.

GUILHERME: Tive muita ajuda, mas a minha escola era particular...Não sei se isso faz diferença. Hum...Também tinha alguns professores babacas, mas eles eram de exatas Kkkkkkkkkk Tá... piada sem graça, generalizei sem querer.

PESQUISADORA: (risos) Quanto à internet, com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

GUILHERME: Acho que aos 12, mas fiquei mais vidrado dos 14 para cima. Stalkeava bastante no Orkut, conversava bastante com o meu primeiro amor virtual e lia contos. Ainda leio na verdade, histórias em geral.

PESQUISADORA: E hoje em dia quais redes sociais digitais você mais utiliza?

GUILHERME: Nyah Fanfiction, Social Spirit, Tumblr, Instagram, Wattpad, YouTube.

PESQUISADORA: Nem conheço alguns.

GUILHERME:Kkkkkkkkkk Três deles são de Fanfics, mas são esses.

PESQUISADORA: Ah, então ok. Como você conheceu o canal Muro Pequeno?

GUILHERME: Acho que foi através do Facebook, não me lembro se foi com um amigo ou num grupo. O primeiro vídeo foi "questão gosto", foi maravilhoso, me ajudou a entender o porque de eu ter perdido o BV aos 19.

PESQUISADORA: Sim. E com que frequência você acessa os vídeos do canal?

GUILHERME: Sempre que ele lança um vídeo novo.

PESQUISADORA: Você tem algum vídeo preferido?

GUILHERME: Alguns. O questão de gosto... os vídeos que falam sobre religião E sobre não monogamia X racismo.

PESQUISADORA: Hm, tem algum motivo especial pra eles serem seus preferidos?

GUILHERME: Acho que todos me fazem pensar, problematizar, refletir...Porque 90% do conteúdo se encaixa com toda a minha vida. Exclusão social, intolerância, sentimentos...São temáticas muito presentes em mim.

PESQUISADORA: Sim. E como você vê o grupo do facebook? É um canal de desconstrução também? Como você participa dele?

GUILHERME: Não sou muito atento ao grupo, mas os posts do Murilo são sempre bons. Não sei os outros membros...

\*Pausa de 21 minutos na conversa, pois o entrevistado teve de se ausentar.

PESQUISADOR: Vamos ver onde paramos. Ah sim, algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno lhe fizeram repensar algum discurso? Por exemplo, desconstruir algum paradigma que você ainda tinha?

GUILHERME: Deixa eu analisar...Acho que a hierarquia das lutas, tipo, dizer que a dor do outro é maior que a sua...Descobri que há espaço em todas as lutas, que definitivamente uma não precisa eliminar a outra, e uma outra coisa...Também vi que não posso misturar sempre meus problemas pessoais com os problemas sociais, que não posso transformar casos isolados em sociais.

PESQUISADORA: Ah, sim.

GUILHERME: Vou te confessar uma coisa, já tive ódio pelo catolicismo. Mas Murilo me fez pensar que esse ódio é da mesma natureza que muitas intolerâncias, e que de fato, os católicos são diferentes e plurais. Não achava certo existir LGBTs católicos. Mas eles existem e tem a crença deles e tal.

PESQUISADORA: Hm, entendi. E você acha que a internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

GUILHERME: Acho que meu ódio foi mais um reflexo de todo um peso psicológico e familiar que eu tinha. Eu abracei a ciência como a minha salvadora. Mas percebi que é a religião possibilita uma reflexão ainda mais profunda sobre a vida. (...) Ah vi sua pergunta agora. Peraí. Acho que a internet foi responsável por 90% da minha compreensão, tem a faculdade também. Passei a conviver com alguns membros dessa diversidade, mas na adolescência meu primeiro guia foi a Wikipédia. Em seguida matérias de blogs, textões, a série Glee me ajudou também. Ah... e também... teve um vídeo do Felipe Neto, que ele falava sobre homofobia... a uns anos atrás, desconstruindo algumas passagens da Bíblia.

PESQUISADORA: Ah, interessante, pois a wikipédia é construída em conjunto né, então tem diversidade por lá também

GUILHERME: Sim sim.

PESQUISADORA: E no seu autoconhecimento? A internet e os meios digitais tiveram algum papel?

GUILHERME: Aos 19, 20, conheci o canal as Bee e tive uma compreensão mais ampla da diversidade, pude ouvir as vozes dos mesmos. Ah... com certeza a internet teve... respondendo sua pergunta...Tive acesso a uma extensa informação, li e ouvi relatos de histórias, me ajudou a compreender. No sentido racial foi mais lento. Acho que foi Murilo que deu uma clareada maior no meu autor reconhecimento como pessoa negra.

PESQUISADORA: Sim, ele foca bastante nisso. Que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT/feminista você acessa?

GUILHERME: O canal das Bee, Mandy Candy e Lorelay Fox. Acho que só esses, tem uma outra menor que pertence ao meu primeiro amor virtual. Esqueci o nome

do canal, mas o nome do meu amigo virtual é XXXXX. Ele é trintão e gay, o primeiro tritao assumido no Brasil. Ele tem uma série de quadrinhos.

PESQUISADORA: Ah que interessante.

GUILHERME: Se chama: XXXXX. É isso Rsrs

PESQUISADORA: Ah sim, vou procurar. Ok, para finalizar, na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

GUILHERME: Sim... acredito que a internet é uma grande ferramenta. Ela ajuda a pessoa a obter informações e vivências, e isso fortalece a mente das pessoas. Mas também acho que a convivência com a comunidade também é uma experiência importante, acho que a pessoa deve ter o equilíbrio entre o mundo virtual e real. E sim...A internet pode ser uma ferramenta de empoderamento. Mas a pessoa tem que saber onde pisa, e saber ter um pensamento crítico, desenvolver suas próprias conclusões, porque a internet também possui monstros.

PESQUISADORA: É, realmente. Certo, Guilherme, tem mais alguma coisa sobre sua vivência sexual/afetiva e negra relacionada aos meios digitais que você gostaria de contar ou falar sobre?

GUILHERME: Hum... Posso dizer que a maior parte das pessoas que me desejam são sempre distantes do local onde vivo. Acho que só isso que posso acrescentar.

PESQUISADORA: Você acaba se identificando com pessoas distantes e isso é possibilitado pela internet?

GUILHERME: Sim. Minha solidão só não é pior por conta da internet, tipo... solidão geral, não apenas amorosamente.

## Narrativa do João

PESQUISADORA: Participante João, 23 anos, homem cisgênero e homossexual. Quanto à sua cor, como você se identifica?

JOÃO: Negro. Alguns dizem que sou pardo (uma vez em uma consulta a enfermeira não respeitou minha vontade e colocou pardo na minha ficha) mas prefiro negro.

PESQUISADORA: Você faz parte ou é militante de algum movimento social? Seja pela internet ou em grupos mesmo...

JOÃO: Só faço parte do grupo dos tijolinhos mesmo, mas acompanho pela Internet a militância de várias outras pessoas e grupos, me identifico com os pontos de vista.

PESQUISADORA: Ah sim, interessante. Você considera que sofre preconceito diferenciado por ser gay e negro?

JOÃO: Essa é uma questão complicada pois depende muito do ambiente no qual estou. Se estou em casa ou com a família me sinto mais incomodado porque sou gay e eles não aceitam bem. Se estiver na rua dependendo de como estou vestido as pessoas olham estranho, sinto como se tivesse sempre que estar "bem vestido" para não atrair olhares negativos dos outros, especialmente em locais onde as pessoas de maior condição vão. Situações difíceis acontecem por ser gay só quando mostro afeto por outro rapaz em público. As pessoas olham e fazem comentários, como essa quarta no cinema quando fui assistir filme com um rapaz que estou saindo (nada sério AINDA rsrs) e ele me beijou, ouvi alguns comentários maldosos...Por estarmos nos beijando e por ele ser gordo.

PESQUISADORA: Racismo, homofobia e gordofobia?

JOÃO: Sim, depois de algum tempo dói menos ter que escutar essas coisas, mas não vou me deixar abalar mais por isso. Enfrento e se reclamar respondo. Chamou de negrinho ou qualquer outro adjetivo maldoso relacionado a minha pele já falo logo que é injúria racial e pode ter sérias consequências. Temos que usar os poucos direitos conquistados.

PESQUISADORA: E como foi o seu processo de descoberta e compreensão da sua orientação sexual não normativa?

JOÃO: Estranho como todos nós sentimos que somos diferentes desde muito novos. De alguma forma eu já sabia que era diferente dos demais pelo meu jeito de olhar, de me comportar e pensar que não era nada parecido com o dos meus primos. Enquanto eles queriam ser policiais eu queria desenhar bonecas. Fazia bonecas com o que tinha e colocava nos meus carrinhos. Sempre fui mais frágil, Mais pacato e dificilmente fazia amizade com homens. Sempre tive uma ligação mais forte com as mulheres. Claro que o fato de elas serem mais sentimentais e abertas facilitava isso. Os homens tinham desde sempre para mim uma agressividade que eu não entendia muito bem. Mas a gente muito pequeno sente que é diferente, mas não sabe ao certo por que. Cresci com minha mãe me levando em correntes de oração nas igrejas porque segundo pessoas que visitavam nossa casa "irmãos". Eu tinha um espírito ruim em mim que me perturbava. Frequentei a igreja durante anos sem sucesso nessas curas malucas, fingi ser heterossexual por muito tempo.

PESQUISADORA: Curioso...a igreja está envolvida em muitas histórias com as quais tenho entrado em contato.

JOÃO: Sempre está...É a cura que não precisamos...que não existe.

PESQUISADORA: E quando você se compreendeu e se identificou como gay? Depois disso tudo?

JOÃO: Minha historia tem agravantes que envolvem inclusive religiosos. Posso contar? Talvez seja um pouco pesado.

PESQUISADORA: Claro, fique à vontade pra falar tudo que quiser.

JOÃO: Bom, respondendo a pergunta me identifiquei como gay por volta dos 16 anos, quando através da Internet pude ter informação sobre isso em vários sites. Continuando a história, por volta dos seis anos de idade meus pais trouxeram um tio para morar na nossa casa, ele dormia no meu quarto na cama que ficava ao meu lado todas as noites, um dia ele se aproveitou da distração dos meus pais e me abusou sexualmente (mas deixo claro que já me sentia diferente desde antes disso). Ele vinha de tempos em tempos e repetia a covardia quando ninguém estava em casa, me ameaçava muito. Eu claro acreditava nas ameaças e durante anos me calei. Isso durou até os 17 anos. Uma outra situação de abuso aconteceu quando por volta dos 10 anos um ex padre (seria agora um pastor renovado) convidou a mim e

um amigo para visitar sua casa. Lá ele mantinha dois meninos em cativeiro só com roupas de baixo, eles não falavam nada, só me olhavam... Ele me levou para um quarto e tirou minhas calças e roupa íntima, pediu para fechar bem as pernas e simulou ato sexual até ejacular. Fez algo com meu amigo (mas não vi porque estava trancado). Essas histórias mantive comigo até os 18 anos, não tive coragem de revelar por vergonha e culpa. Me sentia sujo e muito infeliz, baixíssima auto estima e na escola sofria muito por ser chamado de viadinho. "Só pode ser viadinho...olha ele todo educadinho". Carreguei esse peso sozinho por muitos anos e não sem consequências...As marcas ficam, quem sofre abuso nunca esquece. A dor diminui e precisamos aprender a conviver com ela.

PESQUISADORA: Nossa, João, não consigo nem imaginar a dor.

JOÃO: Pois é, e as reações dos meus pais me decepcionaram muito...

PESQUISADORA: Ah, eles ficaram sabendo?

JOÃO: Sim contei tudo com 18 anos. Sobre os abusos, chegou uma fase em que...ou eu contava ou aquilo ia me engolir. Sozinho ninguém consegue e contar foi um alívio. Achei que eles me tratariam como mentiroso. Era isso que ouvia sempre do meu tio... Mas foi diferente...Minha mãe ouviu, chorou e disse que eu precisava superar isso, que ela já sofreu também é pelas mãos de alguém da família. Fiquei horrorizado, mas a reação não tão empática dela me quebrou. Esperava mais compreensão, mais carinho mas ela só disse para superar. Meu pai ficou calado o tempo todo quando contei, não disse nada, mas dele eu esperava esse comportamento já que não somos próximos apesar de viver juntos. Minha irmã ficou indignada mas não fez muita coisa...Naquela hora eu realmente queria ser protegido, me sentir seguro mas ela ouviu e apesar de ser mais empática e me abraçar não tocou mais no assunto até descobrir que sou gay. Contei a eles somente com 21 anos quando me apaixonei por um rapaz.

PESQUISADORA: Algum deles algum dia relacionou sua orientação sexual a isso?

JOÃO: Sim fui em mais correntes de oração nas igrejas até decidir que eu era assim e não mudaria. A gente fica no "será?" Apesar de sempre sentir que sim dentro de nós. Contei e eles tiveram uma reação seca. Meu pai foi o mais brando, mas minha mãe disse que sempre oraria por uma cura. Não importa quanto tempo passe ela

não desiste. Minha irmã desde os 17 me questionava sobre ser gay e eu negava, até que decidi abrir o jogo com ela...mas ela muito religiosa também acredita em cura.

PESQUISADORA: Ah sim, eles são de qual religião?

JOÃO: Ela me persuadia até um mês atrás com o seguinte: Se você é gay e não se incomoda vamos a igreja, não vai fazer efeito mesmo. São evangélicos.

PESQUISADORA: Nossa, que complicado...

JOÃO: Decidi dar um basta nisso agora com a ajuda de uma amiga muito maravilhosa que me aconselhou a segurar firme e me defender...sempre tive uma posição muito passiva frente às coisas que aconteciam comigo. Minha história explica bem o porquê disso mas decidi não me calar e nem aceitar o que dizem.

PESQUISADORA: Realmente, agora faz muito sentido.

JOÃO: Ainda é difícil...Às vezes tendo a me fechar em mim mesmo como meio de defesa, mas penso se quero isso para mim e solto minha voz mesmo tremendo as mãos e corpo de medo rs Ainda costumo me assustar fácil. Penso que meu tio pode surgir...o cheiro de cigarro que me lembra ele me incomoda muito.

PESQUISADORA: Sim, ficaram os traumas.

JOÃO: Sim mas estou lidando com eles. Tive ajuda dos amigos.

PESQUISADORA: Você falou que teve ajuda deles na sua descoberta e compreensão...Você sabe me dizer com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

JOÃO: Por volta dos 16 anos já no ensino médio meus pais compraram computador para nossa casa e tive acesso a Internet. Comecei a pesquisar palavras chave como atração de homem por homem. Entendi o termo gay, me identifiquei com aquilo e passei a pesquisar mais. Como era evangélico pesquisava sobre homossexualidade como pecado e etc. Para saber se eu realmente estava condenado, como todo mundo dizia que os gays estavam. Para mim sentir assim sempre foi natural...estive em mim desde sempre. Já beijei meninas por pressão e para mostrar ser heterossexual mas nunca tive nenhuma reação fisiológica que comprovasse isso, ao contrário, nunca senti nada, só estranheza em beijar menina rsrs.

PESQUISADORA: Sim, não fazia parte dos seus desejos.

JOÃO: Não rsrs. Tentei (não deveria existir essa pressão do "teste" mas existe). "Como saber se não tentou?" Eles acham justificável quando vem do nosso lado...mas eles se ofendem só de pensar em tentar.

PESQUISADORA: Quais redes sociais digitais você mais utiliza hoje em dia?

JOÃO: Utilizo whatsapp, YouTube e facebook são as mais frequentes. Mas uso Instagram também.

PESQUISADORA: E como você conheceu o canal Muro Pequeno?

JOÃO: Conheci como vídeo sugerido. Ele apareceu no canto lateral, o visual, porta voz e nome do canal me deixaram curioso. Fora os temas dos vídeos, Me identifiquei muito com eles.

PESQUISADORA: E com que frequência acessa os vídeos do canal?

JOÃO: Ativei o "sininho" e sempre assisto quando eles saem ou no mesmo dia. Sempre interessantes, me esclarecem muita coisa.

PESQUISADORA: E você tem algum vídeo preferido? Ou alguns, talvez...

JOÃO: Tenho sim rsrsr principalmente os que falam a respeito de religião porque gosto de ter ferramentas para utilizar na hora das discussões em casa. O mais recente que fala sobre as interpretações errôneas que fizeram da bíblia foi maravilhoso e a base bibliográfica disponível foi genial, assim podemos procurar essas informações também em sua forma original. Esse vídeo é esclarecedor, livra a cabeça de muitas neuras rsrs

PESQUISADORA: E o grupo no facebook, você considera um lugar de possíveis desconstruções e discussões?

JOÃO: No grupo dos tijolinhos considero sim. E no geral também, fazemos postagens e recebemos os comentários que vira e mexe geram uma discussão. Mas no grupo sinto que temos mais abertura por ser privado e não sofrermos ataques. É um espaço onde estamos livres para discutir e desconstruir idéias.

PESQUISADORA: Sim, como você vê essa desconstrução acontecer no grupo dos tijolinhos?

JOÃO: Assim, a impossibilidade de ser atacado facilita uma conversa mais profunda e fora do grupo o jeito é bater boca mesmo com as pessoas ignorantes. Tento pela paciência e calma mas quando são muito maldosos eu digo logo umas coisas pra calar a boca deles. Internet também transmite a segurança de que você provavelmente não será atacado, facilita ter voz para o bem ou mal.

PESQUISADORA: Você sente então que traz uma sensação de segurança. E tem algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno que fizeram você repensar algum discurso? Por exemplo desconstruir algum paradigma que ainda existia...

JOÃO: Alguns sobre feminismo me deixaram muito pensativo esses dias. Leio os comentários e uma garota postou um comentário longo falando de como os transgêneros usam objetos da cultura que foi inventada para a mulher no seu dia a dia, por ser imposta a obrigatoriedade de ser bela. Pelo comentário entendi que era quase uma apropriação cultural de coisas do universo opressor feminino para as trans e isso me deixou pensativo...Por não ser muito afeminado acaba que eu não enxergava muito esse lado mas com o muro pequeno passei a desconstruir isso e prestar mais atenção aos colegas. A luta deles e como eles enfrentam coisas terríveis todos os dias.

PESQUISADORA: Sobre isso, você acha que a internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

JOÃO: Passei a ficar mais chateado quando um amigo dizia "não fico com afeminado por comportamento X ou Y deles". Sim me ajudou bastante, a Internet tem muitos artigos científicos e eu como bom biólogo que sou ia direto neles por serem uma informação mais confiável. Blogs são ótimos mas qualquer um pode alterar informação facilmente e isso me deixava com o pé atrás. Depois que fiquei mais experiente no uso da Internet

PESQUISADORA: Aah, você é biólogo? Que interessante.

JOÃO: Formei ano passado.

PESQUISADORA: Parabéns!

JOÃO: Obrigado rsrs agora é tentar o mestrado

ENT: Vai conseguir com certeza. E no seu autoconhecimento, você falou que a internet e os meios digitais tiveram um papel importante, que papel foi esse?

JOÃO: Obrigado Aline. De verdade. A Internet me ajudou a entender como eu me sentia, no YouTube tem alguns depoimentos de "come out", que chamamos de "saída do armário" aqui. Assisti muitos e me identifiquei, li artigos de psicologia sobre o tema e vi toda informação que conseguia achar. Fui ganhando mais conhecimento sobre o tema e me entendendo melhor. Mas com certeza o YouTube foi uma ferramenta muito forte por conter histórias de outras pessoas, reais e que sofreram como eu estava sofrendo, sentindo as mesmas coisas. Então me identifiquei aos poucos, fui tentando sempre coletar informações sobre o que mais se encaixava comigo.

PESQUISADORA: Ah, que ótimo. E como o canal Muro Pequeno e o grupo do canal tiveram impacto na sua vivência LGBT diária?

JOÃO: Sempre estou acompanhando então fico sabendo de muitas coisas que antes não tinha noção. No grupo olho muito os debates sobre todos os temas, sejam do feminismo, da luta das trans e bissexuais, travestis. Através do canal tenho possibilidade de descobrir novas informações, seja através do Murilo ou dos comentários das pessoas. Os comentários são uma boa fonte de descobertas rs

PESQUISADORA: Que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT você acessa?

JOÃO: Assisto também o Põe na roda, Canal das bee, Jout Jout (que pincela sobre feminismo em alguns vídeos), e outros como Mandy Candy (canal de uma trans maravilhosa), Fernando Escarião (esse é bem mais descontraído), Danilo Bonfin, Jay, a lista é extensa no YouTube rsrs. Pesquiso muito em blogs de saúde voltada aos gays, sites com informações sobre a luta LGBT no Brasil, que na minha opinião deveriam aumentar. Sites de conteúdo adulto tem vários, mas de informação de qualidade precisamos de mais alguns. Crítica leve aqui rsrs

PESQUISADORA: Na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

JOÃO: Claro que sim, através deles ganhamos mais confiança e nos entendemos melhor para lidar com as questões envolvendo nossa sexualidade e comportamento.

Os meios digitais são sem dúvida uma ferramenta maravilhosa de empoderamento e conhecimento. Todo dia aprendo muito sobre todos os LGBT's com a Internet e quebro meus conceitos formados. Ganho força das pessoas presentes na Internet e tenho certeza que ajudo também quando posso de alguma forma.

## Narrativa do Paulo

PESQUISADORA: Participante Paulo, 20 anos, homem negro cisgênero e homossexual. É militante ou faz parte de algum movimento social?

PAULO: No momento não faço parte de nenhum movimento. Sou militante de forma abrangente, não sou dos que vai a rua, protesta e tudo mais. Acho muito necessário essa forma de militância, mas como estudante de licenciatura, eu sou mais voltado pra área de educação, eu milito em todos os meus meios sociais, tento me aproximar das pessoas, "desconstruir" certos conceitos e preconceitos aos poucos. É uma militância mais "passiva" mas acredito que válida.

PESQUISADORA: E quanto à sua cor, como você se identifica?

PAULO: Minha cor é parda, e minha raça é negra. Tem muita gente que discorda do termo pardo, porque falam que pardo é papel kk

PESQUISADORA: Já vi essa discussão por aí mesmo, pode explicar melhor?

PAULO: É porque assim, dentro da raça negra há negros bem escuros, chamados de retintos e negros como eu q são "mestiços", pai branco e mãe negra. Eu nasci com a pele mais clara e no Brasil há um negócio chamado pigmentocracia, quanto mais escuro você é, mais racismo você sofre. Quanto mais claro, perto do padrão branco, menos racismo você sofre. E eu acho importante sempre ressaltar que sou pardo, que embora militante negro eu sou tratado bem diferente de um negro de pele retinta.

PESQUISADORA: Certo, entendi. E como foi o processo de descoberta e compreensão da sua orientação sexual não normativa?

PAULO: Foi bem difícil, nasci em uma família bem religiosa, embora cheio de hipocrisias. Desde mais novo, antes mesmo de eu saber sobre mim, as pessoas já sabiam pelo menos na cabeça delas

por ser afeminado desde de muito pequeno, mas durante a infância em si, tudo foi bem tranquilo. O problema começou por volta dos 11 anos, foi quando realmente começou a me despertar os desejos do corpo, as primeiras paixões.

PESQUISADORA: Ah sim, e como foram suas experiências na escola? Encontrou alguma dificuldade?

PAULO: Foi onde e quando fiquei com o primeiro garoto, estudávamos na mesma escola. A gente tinha que se esconder, ficar sempre nos cantinhos que ninguém via, e aí foi quando a minha família descobriu e gerou muitos problemas.

PESQUISADORA: É? Como foi com a família? Foi difícil?

PAULO: Foi bem difícil, eles descobriram porque escrevi uma cartinha pedindo desculpas porque eu tinha pecado, que eu iria para o inferno...isso com 11 anos. Minha mãe leu, me chamou para conversar, falou que era uma fase, e essa fase não foi passando. Aí meus pais me levaram para grupos de oração, um monte de gente colocando a mão em cima de mim como se eu tivesse um demônio no corpo. Me levaram para conversar com padres, retiros atrás de retiros, e durante esse tempo eu era coroinha da igreja. Aí depois de tudo isso eu decidi me calar, não falava mais sobre isso, e aquela culpa gritava dentro de mim

PESQUISADORA: Nossa...família católica então?

PAULO: Sim católica. Foi quando eu decidi me aproximar do pároco da nossa igreja, vulnerável e bem sozinho, eu fui abusado pelo padre...eu e outros coroinhas que também eram gays e estavam nessa fase de descoberta. E enquanto acontecia isso em casa e na igreja, na escola os meninos queriam me bater, porque eu era afeminado, queriam que eu virasse "macho". Fui apenas uma vez no treino de handebol e desisti, porque assim que eu falava alguma coisa os meninos riam da minha voz. E nunca mais voltei.

PESQUISADORA: Nossa...impactante o que a sociedade tem poder de fazer com minorias. E quanto à internet, com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

PAULO: No penúltimo ano do ensino fundamental, eu ainda estava bem depressivo, bem calado, já tinha passado por essas coisas. E foi quando aconteceu o segundo abuso, o bibliotecário da escola, casado com uma professora. Ele começou a conversar mais e mais, me dar apoio, ouvir, coisa que ninguém queria fazer, e aí aconteceu, duas vezes na biblioteca da escola. E quem acreditaria? Eu não tinha pra quem contar.

PESQUISADORA: Sim, aí você guardou...

PAULO: É, até hoje meus pais não sabem, e se souberem, são capazes ainda de me culpar.

PESQUISADORA: Eles não sabem dos abusos, mas sabem da tua orientação sexual?

PAULO: Eles não sabem dos abusos, já tentei contar várias vezes mas não consigo, parte de mim pensa que eles não merecem saber da minha história, coisa que eles não sabem nem a metade porque não estiveram lá para me ajudar, porque preferiam ficar orando na igreja do que ver o que tava acontecendo com o filho. E outra parte tenta entender que eles são frutos de uma construção social bem complexa e preconceituosa.

PESQUISADORA: Sim, você se sente mais seguro em guardar isso pra você.

PAULO: E a respeito da orientação sexual eles sabem, mas preferem fingir que não sou e não sabem.

PESQUISADORA: Que difícil. E na sociedade em geral, você acha que enfrenta algum preconceito a mais por ser homossexual e negro?

PAULO: então, isso foi uma coisa mt difícil de entender porque antes das pessoas me verem como homossexual, elas me veem como negro e durante esse tempo eu me apaixonei por diversos meninos, todos brancos, porque é assim que a gente é ensinado, a gostar de brancos. E adivinha? Ninguém gostava de mim, nenhum dos meninos gays brancos. E sério, a adolescência foi de solidão, os meninos só se aproximavam de mim para sexo, por ter um corpo negro "gostoso", aquele racismo de achar que negro é fogoso. E minha auto estima foi lá embaixo.

PESQUISADORA: Sofria com a sexualização do negro além do preconceito por ser homossexual.

PAULO: Sim porque todos que se aproximavam era para sexo...padre, bibliotecário, meninos. E aí isso resultou em uma fase lá pelos 16/17 anos que uma vida "promíscua" já que só me queriam para sexo, era isso que eu ia fazer. E eu tinha que fazer para agradar os outros e não a mim mesmo. Fiz com 1, 2 e até 3...saía com homens muito mais velhos, bem mais velhos, um que hoje em dia até vereador

da minha cidade, que todos o veem como "bom cidadão", mas que adorava pegar menores de idade. Hoje eu olho e rio dessas coisas.

PESQUISADORA: Ah, sim...

PAULO: E aí que entra as redes sociais...

PESQUISADORA: É? Quais redes sociais você mais utiliza?

PAULO: Então, moro em uma capital que parece interior, então fui pras redes sociais, orkut, face, whatsapp, youtube principalmente, snapchat.

PESQUISADORA: E como conheceu o canal Muro Pequeno?

PAULO: se não me engano através do canal Afros e Afins.

PESQUISADORA: Com que frequência você acessa os vídeos do canal?

PAULO: Sempre q eles posta videos novos, às vezes revejo os antigos para compartilhar com alguém.

PESQUISADORA: Você tem algum vídeo preferido?

PAULO: tem um especial, "Branco demais para ser preto, preto demais para ser branco", foi a primeira vez que ouvi alguém compartilhar da mesma questão que eu.

PESQUISADORA: Ah, sei qual é.

PAULO: Alguém me explicando algo que nem a minha prof da facul de cultura brasileira soube me explicar

PESQUISADORA: Você tinha essa inquietação já e ela foi sanada no canal?

PAULO: Foi sim.

PESQUISADORA: Algum vídeo ou discussão gerados pelo canal Muro Pequeno fizeram você repensar algum discurso? Como desconstruir algum paradigma que você ainda tinha.

PAULO: o vídeo sobre a bíblia, o que ela não diz. Porque por mais que hoje estivesse forte, esteja forte, sempre ficava aquela questão a respeito da bíblia...e elas nos "condena" e fui ensinado assim desde pequeno, então fez eu repensar isso e tirou um peso das costas.

PESQUISADORA: Ah, esse vídeo é bem citado.

E a internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

PAULO: Tiveram um grande papel, como disse, moro em uma capital que parece interior, Campo Grande MS, aqui os movimentos sociais são muito fracos e eu não tinha lugar onde buscar informação ou onde encontrar gente como eu, gente que passava pelos mesmo problemas. E a internet me possibilitou isso. Eu fui entender que eu sou negro na internet, fui aprender sobre sexualidade na internet porque na escola a gente aprende o que é camisinha e olha lá, não aprendemos sobre sexualidade, desconstruir muitos preconceitos contra pobre, contra negro, contra gays afeminados, a gente aprende que pipi é pra pepeca e acabou kkkkkk

PESQUISADORA: Hahaha sim. E a internet e os meios digitais tiveram algum papel no seu autoconhecimento? Ajudaram na construção ou desconstrução da sua identidade?

PAULO: Ajudaram sim, eu consegui me identificar com quem eu sou, o que eu sou e quem sou no meio da sociedade, e o que isso significa. Consegui entender que venho de uma estrutura racista que resulta em minha família, um lado brancos paranaenses, do outro negros com religiões de matrizes africanas, e o que isso deu origem a entender a minha sexualidade e até mesmo buscar a minha história, histórias de antepassados que não são ensinadas na escola, e desconstruir a ideia que negro e gays não foram importantes ou fizeram coisas importantes no mundo.

PESQUISADORA: Ah, que maravilhoso esse processo. E o grupo do canal do muro pequeno no facebook, você acha que é uma plataforma importante também?

PAULO: Eu acho que mais que discussão, lá é meio que um grupo de apoio, porque as vezes a gente não quer discutir sabe, a gente quer ser só ouvido e que alguém fale "te entendo". E eu já fiz algumas postagem contando problemas e parece um grupo de apoio mesmo, e sim tem discussões otimas, mas eu vejo como um grupo de "auto-ajuda", não é essa a palavra mas é a que veio agora kkk

PESQUISADORA: Sim. E que outros canais no YouTube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT você acessa?

PAULO: Afros e Afins, Gabi de Pretas, Canal das bee, Põe na roda, Dan Bonfim, Mandy Candy, Pedrugo, Paratudo, Fernando escarião, Will e Greg, Gorda de Boa, Gabriel Comicholi.

PESQUISADORA: Certo. E na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

PAULO: Com certeza, ele chega onde muitas pessoas não tem acesso a informações, eu por exemplo tudo que conheço hoje veio dos meios digitais, de história, de empoderamento, de quebrar preconceitos, literalmente tudo. O quão poderoso isso pode ser né...parando pra pensar, mudou totalmente minha vida, me tirou da solidão.

PESQUISADORA: possibilitou que você conhecesse pessoas com as quais se identifica?

PAULO: sim sim, e gente com problemas muito maiores e que mesmo assim não desistem, vão à luta.

## Narrativa da Simone

PESQUISADORA: Qual sua idade, identidade de gênero e orientação sexual?

SIMONE: Tenho 17 anos, já fiz um pouco de confusão com a minha identidade de gênero, mas me identifico como mulher (cis) e sou pansexual.

PESQUISADORA: Quanto à sua cor, como você se identifica?

SIMONE: Sou branca.

PESQUISADORA: Você faz parte ou é militante de algum movimento social?

SIMONE: Sou feminista e faço parte do movimento LGBT, principalmente pela internet, porque por causa da minha idade é um pouco difícil me manifestar de outra forma. Também costumo me pronunciar pelo racismo, não diria que faço parte ativamente, porque sou branca então não é meu lugar de fala, mas como não concordo me pronuncio se achar necessário.

PESQUISADORA: Como foi o seu processo de descoberta e compreensão da sua orientação sexual não normativa?

SIMONE: Eu costumava não pensar muito nisso, até que pela internet comecei a ter mais contato com discussões de temas LGBTs e coisas do gênero. Eu lembro de ver uma postagem em uma página de um fandom que eu gostava, que tinha um casal LGBT, que me fez começar questionar esse tipo de coisa e me envolver um pouco mais. Depois de começar a questionar foi fácil notar coisas que eu estava ignorando, como por exemplo se eu me interessava por uma garota eu costumava deixar de lado, porque é algo considerado normal garotas prestarem atenção na aparência de outras e coisas do tipo. Nessa época eu já tinha um grupo de amigos bem diverso e por conhecer outras sexualidades e estar confortável com essa ideia acabei não tendo muitos problemas com a minha e em pouco tempo comecei a me identificar como bi. Algum tempo depois mudei para pansexual quando conheci o termo, por me identificar um pouco mais.

PESQUISADORA: Ah, interessante...e a partir de qual idade você sentiu esses questionamentos?

SIMONE: Acho que eu tinha uns 13 anos.

PESQUISADORA: Você acha que antes disso já apresentava algum comportamento ou sentimento diferente do que é imposto pelos padrões heteronormativos? Por exemplo, na escola, teve alguma dificuldade por isso?

SIMONE: Sim, acho que desde criança eu sempre apresentei um comportamento ou outro, como brincadeiras que tinham personagens gays/lésbicas ou coisas do tipo, já que pra mim isso sempre foi normal, até um breve período onde eu meio que pensei que relacionamentos homossexuais não eram bons, por ver pessoas falando mal e coisas do tipo, mas logo descartei isso. Na escola acho que não tive muitos problemas, tiveram algumas discussões internas sobre falar ou não certas coisas, porque eu não sabia como as pessoas iriam reagir, também teve uma fase em que eu não me sentia que eu me encaixava completamente com os grupos de garotas mais femininas da minha turma e nem com os garotos, isso acabou fazendo com que eu me afastasse um pouco deles, mas eu eventualmente consegui ficar confortável com um grupo de amigos.

PESQUISADORA: E com a família? Eles sabem da sua orientação sexual?

SIMONE: Não. Eu já tive algumas discussões sobre o assunto com eles e sei que eles não são completamente opostos, mas como sei que tem chances de responderem de maneira negativa prefiro esperar pra contar da minha sexualidade quando for mais independente.

PESQUISADORA: Ahh, certo... Com que idade e como teve acesso aos meios digitais pela primeira vez?

SIMONE: Acho que com uns 11 anos. Mas eu não fazia muita coisa nessa época, então acabei me envolvendo mais dos 13 pra frente mesmo.

PESQUISADORA: Quais redes sociais digitais você mais utiliza?

SIMONE: Facebook, youtube e tumblr.

PESQUISADORA: Como conheceu o canal Muro Pequeno?

SIMONE: Recomendados do youtube. E também teve uma colaboração que ele fez com outro canal que já assistia.

PESQUISADORA: Com que frequência você acessa os vídeos do canal a partir de então?

SIMONE: Depois de me inscrever comecei a assistir todos os vídeos que já estavam no canal e agora acompanho as postagens.

\*27 minutos de pausa na conversa, pois a entrevistada teve de se ausentar.

PESQUISADORA: Você tem algum vídeo preferido do canal Muro Pequeno?

SIMONE: Acho que não consigo pensar em nenhum... Gosto de todos os vídeos.

PESQUISADORA: Quanto ao grupo no facebook, você considera um lugar de desconstrução e discussão?

SIMONE: Sim.

PESQUISADORA: Como você vê isso acontecer no grupo?

SIMONE: Eu vejo o grupo como um espaço confortável para levantar tópicos e discussões, porque todos costumam responder com bastante respeito. Tudo de um jeito bem amigável, pelo menos as discussões que eu presenciei/participei.

PESQUISADORA: Algum vídeo ou discussão gerados pelo canal fizeram você repensar algum discurso? Por exemplo, quebrar algum paradigma que ainda existia.

SIMONE: Sim, vários vídeos já me fizeram questionar ou apenas pensar mais sobre um tema. Acho que o último foi o vídeo sobre o que a bíblia não diz sobre a homossexualidade, porque nunca fui muito religiosa e não conhecia a religião sobre essa perspectiva o que gerava um certo preconceito que acabei repensando.

PESQUISADORA: E você acha que a internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua compreensão de diversidade sexual e de gênero?

SIMONE: Sim, com certeza. Eu era bem ignorante quanto a esse tipo de coisa antes de começar a me envolver com grupos mais diversos justamente na internet. Como disse antes foi até por isso que comecei a me questionar e tal. A internet foi a minha principal fonte de informação sobre esses assuntos, já que não é tão discutido em outras mídias e não era algo discutido pelas pessoas com quem eu andava ou na escola.

PESQUISADORA: Entendo. No seu autoconhecimento, você falou que a internet e os meios digitais tiveram um papel importante, que papel foi esse?

SIMONE: De me colocar em contato com pessoas diversas que possuíam outras sexualidades e identidades de gênero, também foi pela internet que comecei a ter contato com militâncias e foi onde comecei a pesquisar mais informações sobre feminismo, gênero, orientação sexual, etc. Foi o que me proporcionou contato com esse mundo, já que não era algo tão discutido perto de mim na época.

PESQUISADORA: Ok. Que outros canais no Youtube ou plataformas digitais com conteúdo LGBT/feminista você acessa?

SIMONE: Tem tantos... De canais do youtube alguns são Ashley Mardell, Canal das Bee, Hannah Witton, JoutJout Prazer, MissFenderr, Põe Na Roda, Stevie, TheRealAlexBertie...

PESQUISADORA: Nossa, tem uns que não conheço, vou procurar! Na sua opinião, os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de LGBTs?

SIMONE: Sim.

PESQUISADORA: De que maneira?

SIMONE: Acho que através do alcance e da visibilidade que ela proporciona. Torna possível compartilhar projetos, espalhar o movimento, da espaço pra pessoas que querem gerar discussões sobre o tema.

PESQUISADORA: Tá certo. Agora quanto ao feminismo, você tem alguma vertente?

SIMONE: Não, nenhuma específica.

PESQUISADORA: Como você se descobriu feminista? Como foi esse processo?

SIMONE: Eu não tenho certeza de quando descobri o feminismo, mas logo que descobri o que era me identifiquei e aos poucos fui me envolvendo no movimento. Também pela internet, mas nessa época acho que eu já tinha outras pessoas com quem discutir pessoalmente também.

PESQUISADORA: Como você percebe a luta feminista dentro do movimento LGBT?

SIMONE: Acho que por vezes os dois movimentos caminham com objetivos parecidos, mas já encontrei algumas discordâncias entre eles, porque nem sempre uma pessoa que é de um movimento é a favor do outro.

PESQUISADORA: Discordâncias em relação a que?

SIMONE: Acho que um exemplo seria uma mulher feminista radical ter uma atitude transfóbica, ou um homem gay ter uma postura mais machista. Não é só porque uma pessoa faz parte de um movimento que ela concorda com o outro. Até mesmo dentro da comunidade LGBT tem umas discordâncias. Mas no geral, no meu convívio, os dois movimento costumam ser bem unidos.

PESQUISADORA: Ahh sim. Na sua opinião, como o canal Muro Pequeno contribui para a luta feminista?

SIMONE: Acho que por mais que esse não seja o foco das discussões ele já foi discutido e existem também interpretações de alguns vídeos que mesmo que não tenham feminismo como foco podem contribuir para a reflexão de pautas feministas.

PESQUISADORA: A internet e os meios digitais tiveram algum papel na sua vivência feminista diária? Se sim, que papel foi esse?

SIMONE: Acho que o papel que elas tiveram sobre mim afetou minha forma de vida diária. O maior contato que tenho com o feminismo é pela internet, pois como disse antes é onde posso estar mais presente, e depois de estar envolvida nisso mudou um pouco minha maneira de ver algumas coisas o que afeta minha vida diária.

PESQUISADORA: E você acha que os meios digitais podem ser uma ferramenta de empoderamento de mulheres?

SIMONE: Sim, da mesma forma que para os LGBTs.

PESQUISADORA: Particularmente então a internet te possibilita esse empoderamento como feminista e pansexual ao mesmo tempo?

SIMONE: Sim.